

REVISTA DA
ACADEMIA
PIRACICABANA
DE **LETRAS**



ANO XII - Nº 18
PIRACICABA - 2020

REVISTA DA
ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS



Ano XII – n.º 18
Piracicaba – Abril de 2020

REVISTA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

Publicação semestral da Academia Piracicabana de Letras,
fundada em 11 de Março de 1972 por João Chiarini,
CNPJ 54.014.808/0001-57, com sede na Rua do Rosário, 781,
CEP 13400-183, em Piracicaba.

E-mail: academiapiracicabana@gmail.com

Blog: academiapiracicabana.blogspot.com

A Revista da APL destina-se à divulgação de trabalhos de autoria dos membros da Academia e outras matérias de interesse cultural. Todas as matérias são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

ISSN: 2177-2797

EDITOR E JORNALISTA-RESPONSÁVEL:
JOÃO UMBERTO NASSIF (MTB 24 682)

Toda a correspondência acerca desta revista deve ser enviada
ao Editor no seguinte endereço eletrônico:

E-mail: joanassif@gmail.com

CONSELHO EDITORIAL:
Antonio Carlos Fusatto
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto
Evaldo Vicente
Ivana Maria França de Negri

FOTOGRAFIA DA CONTRACAPA:
Sílvia Regina de Oliveira

DIAGRAMAÇÃO E CAPA:
Genival Cardoso

PRODUÇÃO GRÁFICA:
Audáxia Agência Gráfica (19) 9 8210-9312
audaxia.adx@gmail.com

*Os textos apresentados espontaneamente para esta edição
são de exclusiva responsabilidade de seus autores.*

ÍNDICE

André Bueno Oliveira – <i>O seresteiro piracicabano “Cobrinha” / Vencer para viver / Sobre o olhar e o sorriso</i>	7
Antonio Carlos Fusatto – <i>Um lustro de estela / Egito Místico / Reminiscência / Eu e o tempo / Reflexão</i>	11
Aracy Duarte Ferrari – <i>Sensibilidade e afeto / Sempre amiga Maria Cecília / Ontem presente</i>	17
Armando Alexandre dos Santos – <i>As curiosas aventuras de um intelectual húngaro</i>	21
Barjas Negri – <i>O nascimento do Teatro do Engenho ‘Erotides de Campos’</i>	29
Carla Ceres Oliveira Capeleti – <i>Poemas Infantis / Meu relógio favorito / Dar corda / Artes do Vento</i>	33
Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto – <i>O menino e o piano Desalentados / O Universo, a Terra e eu / Vespertinos</i>	37
Cássio Camilo Almeida de Negri – <i>Ilusão / O Tesouro</i>	41
Edson Rontani Júnior – <i>O falso glamour do cigarro no cinema</i>	45
Elda Nympha Cobra Silveira – <i>A festa de Babette / A energia das ruas</i>	49
Esio Antonio Pezzato – <i>Pelos instintos / Flor e Poesia / Busca / Evolução / A Arte do Soneto</i>	53
Ivana Maria França de Negri – <i>Pequena crônica para um grande pai / Poemas Voláteis</i>	57

João Umberto Nassif – <i>Senhor Comendador</i>	61
Leda Coletti – <i>Falando um pouco da FLIP / Tesouros / Vida vã</i> ..	65
Lídia Sendin – <i>Atreva-se / O dono da vida / Uma rosa para Anastácia / Afinal, quem passa?</i>	71
Luciano Martins Verdade – <i>Cidade dos mortos</i>	75
Maria de Lourdes Piedade Sodero Martins – <i>Resgate “Da Alma Adormecida”! / Nossas raízes!</i>	77
Maria Helena Vieira Aguiar Corazza – <i>A falta do encanto e do aconchego</i>	81
Marisa Amábile Fillet Bueloni – <i>Só pra variar / Hormonal / Vida ingrata</i>	83
Myria Machado Botelho – <i>A difícil tarefa de escrever</i>	87
Newman Ribeiro Simões – <i>Serenata / Tédio / As cores do poeta</i>	91
Raquel Araujo Delvaje – <i>Cantares de Travessia</i>	95
Sílvia Regina de Oliveira – <i>Des/Conjuntura / Saudade / Toda poesia tem um pouco de França / Purple-Onion Love</i> ..	99
Valdiza Maria Capranico – <i>Recordações</i>	103
Vitor Pires Vencovsky – <i>Histórias de um caipira</i>	105
Waldemar Romano – <i>Curiosidade e reconhecimento</i>	109
Walter Naime – <i>Onde já se viu? / O que é o que é?</i>	113
APL em ação – Noticiário –	117

APRESENTAÇÃO

É com grande alegria que apresentamos mais uma edição da já tradicional revista da Academia Piracicabana de Letras. Esta publicação tem um significado muito importante para Piracicaba. Primeiro, porque representa um dos locais em que os acadêmicos da cidade se encontram para apresentar suas produções mais recentes e significativas. Não deixa de ser, também, uma vitrine, já que revelam aos leitores a inspiração, a criatividade e a técnica utilizadas pelos autores dos textos.

A revista representa, também, a diversidade. Diferentes gêneros da literatura são apresentados, abordando assuntos e ideias variadas. Cada acadêmico segue seus instintos e caminhos, colocando a literatura em movimento de acordo com suas experiências e momentos de vida. A união dessas diferenças torna a publicação muito mais significativa, atrativa, equilibrada e valorizada.

É importante destacar, também, que a revista é um instrumento de inspiração para os mais jovens e iniciantes da literatura. O trabalho de todos os envolvidos contribuiu para fazer dela uma referência em Piracicaba, com sotaque local e único.

Finalmente, é importante destacar que o compromisso das revistas da Academia Piracicabana de Letras continua o mesmo: transformar os acadêmicos e os leitores. Boa leitura a todos!!

Vitor Pires Vencovsky
PRESIDENTE 2018-2021

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANDRÉ BUENO OLIVEIRA
Cadeira nº 14 – Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs

O seresteiro piracicabano “Cobrinha”

(Dedicado a Victório Ângelo Cobra – em seu aniversário de 80 anos)

Na mata extensa, o pássaro mavioso,
o irapuru – modesto seresteiro –
exala um canto nítido, mateiro,
louvando a Deus num tom maravilhoso!

Acompanhando seu cantar sereno,
ouve-se perto o som duma cascata,
mais parecendo linda serenata,
tornando tal concerto mais ameno.

Lá no roçado o pintassilgo canta!
No abacateiro, exulta-se o sanhaço!
O canarinho, dentro do compasso,
abre seu canto que emociona e encanta!

Lá na gaiola o sabiá suspira,
ouvindo ao longe um “bem-te-vi” trinando;
embora preso, vai cantarolando
um hino triste, que a prisão lhe inspira.

Na doce alcova desta terra amada,
minha cidade – Noiva da Colina -
ouço o cantar (que música divina!)
dum menestrel com voz açucarada!

Um seresteiro-irapuru: Cobrinha,
que faz inveja ao lindo rouxinol,
ao próprio melro, das manhãs de sol,
cantando as glórias desta terra minha!

Vencer para viver

É de fato esta vida uma disputa,
por mais que não queiramos que ela seja.
Muitos esperam que Deus os proteja,
e cruzam seus braços frente à labuta.

A glória da conquista, é vã, fajuta,
como é vã toda glória que se almeja;
mas sendo única taça da bandeja,
bebamos...pois não há outra conduta.

Bem antes de eclodirmos para a Terra,
nossos pais nos puseram nesta guerra
de conquistas e vitórias palermas.

Cada qual, sem querer, adveio à vida,
enfrentando uma luta fratricida,
ao vencer a batalha dos espermas.

Sobre o olhar e o sorriso

Se os olhos são janelas de nossa alma,
o sorriso é porta aberta à amizade.
Dispersa o mau humor, a dor acalma,
e traz ao coração felicidade.

Se o olhar deflete os raios da maldade,
o sorriso atenua todo trauma.
Não tem raça, não tem cor, nem idade...
Eternamente é precursor da calma.

Olhares e sorrisos simultâneos,
são graças e milagres espontâneos
que a vida a cada instante nos oferta.

Se um olhar é janela escancarada,
que incauta, não se fecha a quase nada,
o sorriso, ao amor, é porta aberta!

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ANTONIO CARLOS FUSATTO
Cadeira nº 6 – Patrono: Nélio Ferraz de Arruda

Um lustro de Estela

Cinco anos se passaram,
desde aquele lindo dia.
Hoje Estela bagunça a cozinha,
sobe em cadeira, pra brincar na pia.

Estela princesa querida,
não me canso de te olhar,
de seus olhos irradia,
brilho intenso a me encantar.

Estripulias pela casa
com Samuel e Miguel a lhe ajudar.
Estela minha neta, minha vida,
sempre sempre vou te amar!...

Estela estrela menina,
razão do meu viver.
O que mais me fascina:
sua alegria, e jeito de ser.

Meus olhos ficando cansados,
estão prestes a fechar.
Até durante o sono,
ouço os netos me chamar!...

Egito Místico

A grandeza majestosa das pirâmides,
erguidas para o céu, em silenciosa oração.
Conservam entranhados os mistérios,
de faraós e escravos da grande nação.

E, no eterno Vale dos Reis,
onde o Nilo cruza o deserto.

Parece que deuses se juntam aos reis,
vida e morte se tornam incertos.

Brisa morna passeia pelas dunas,
parece carregar turíbulo de incenso.

O Nilo ora manso, ora em fúria,
carrega em suas águas todo o encantamento.

No horizonte o céu se une à'reia,
e surge casamento entre o belo-e o místico.

Polifonia do vento sugere, que escravos ali vagueiam,
e'feitos ópticos induzem os crédulos, à visões do
apocalíptico.

Emoção misteriosa, d'uma noite de luar,
a estender réstias de prata sobre o Nilo
e, o Vale dos Reis, com sua mística secular.

É neste negrume que, quantidade de estrelas, tornam
o céu mais lindo!

Reminiscência

A noite agoniza, c'ó nascer d'aurora a clarear,
da pitangueira começo ouvir:
Sabiá seresteiro voltou cantar!
Preludiando primavera a porvir.
Dos galhos da pitangueira adulta,
balançam vasos de orquídeas.
É neles que coloco frutas,
pra passarada; alimentícias.
Abro as portas da sacada,
pra melhor apreciar.
Trinado melodioso e nostálgico,
do madrugadeiro sabiá.
Assobios agudos de sanhaços e puvis,
cantar nostálgico do sabiá.
Penetram em minha mente a zumbir
e, do esconso d'alma faz brotar:
Lembranças do tempo de criança,
povoam meus pensamentos, chegando olhos marejar.
Revejo o velhinho do realejo,
girando a manivela; rouca música tocar.
Parava sempre que solicitado,
festa da criançada a observar.
O periquito verde com o seu biquinho treinado,
um bilhete sortear!...
Meus pensamentos são como o vento,
não param nem pra descansar.
Ora no presente, ora retrocede ao tempo,
Ó! Canoro sabiá, quantas recordações fizeste despertar!
Seu cantar retrocede-me também, a velhos madrigais;
Onde a lua participava com raios amarelos.
Ah!... Saudosos idílios imortais:
Vibram na memória deste velho!...

Eu e o tempo

Olho pelo retrovisor
do tempo;
Tudo passou e passa
rapidamente;

A ampulheta
não para;
Assim como
meus
pensamentos.

Meus cabelos
branqueados,
sintoma
das
poeiras,
de
uma existência
septuagenária
Abraçado à
saudade
e,
conversando com
o tempo,
sigo meu
caminho

Com o vento
apagando
meus
passos!...

Reflexão

O homem,
é o único animal
 não
 alado,
 capaz de realizar
 voos
sublimes e mirabolantes,
 através
 do pensamento.

 Com
discernimento e ponderação,
 seleciona
o essencial,
 descartando o fútil
 e,
o incidental;

Mas,
 nem
 sempre
 o faz"!...

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ARACY DUARTE FERRARI
Cadeira nº 16 – Patrono: José Mathias Bragion

Sensibilidade e afeto
(Família Duarte – Rodrigues)

Num baú de madeira nobre, ornamentado em bronze, encontrei relíquias da família Rodrigues. Eram fotos, moedas antigas, santos de resina deteriorados, pequenas jóias em ouro, discos e álbuns fotográficos. Documentos diversos: escrituras, certidões e passaportes. Tudo devidamente envelopado por meu avô, que era criterioso e disciplinado.

Motivada, remexi naquele antiquário, à procura de escritos que relatassem fatos sobre minha mãe: como seria seu cotidiano e relacionamento com os irmãos, de que forma teria se portado na aquisição de bens materiais da família e como adquirira outros conhecimentos, além daqueles aprendidos no ensino básico, ou se sabia mesmo transformar impossibilidades em realidade. Localizei um passaporte, em que a foto mostrava uma jovem bonita com a fisionomia expressiva e alegre, então brotou de meu coração um amor orgulhoso por ela ter sido minha mãe e imaginei se não seria daquela maneira, marcante e feliz, sua expectativa com relação à viagem marítima, que realizaria junto com a família, rumo ao novo continente.

O desenrolar deste relato encontra-se guardado no meu baú imaginário. Com as ideias chegando rápidas, imaginei uma linha de tempo, na qual coloquei por ordem crescente, gerações anteriores e posteriores, e me situei naquele contexto familiar, para voltar no tempo, até 1921, quando Portugal passava por uma época de crises

econômicas, sob o regime ditatorial de Salazar e o Brasil despontava como uma solução para os imigrantes europeus, fortes e destemidos. Foi assim que, com coragem e determinação, meus familiares decidiram sair de Portugal para virem para o Brasil. A coragem dos meus avós me emocionou, porque percebi, com lucidez, naquele ato destemido de bravura, a clara intenção de oferecer uma vida melhor a seus filhos. Em gratidão, pedi para eles a bênção do reino de Deus. Obrigada, valeu... valeu...!

Minha mãe, dona daquela personalidade luso-brasileira inconfundível, cresceu e amadureceu. O fato mais marcante, que conservo no meu interior, é o encontro de minha mãe com seu príncipe, um jovem português, muito apaixonado, com quem ela se casou e teve seus filhos. Ela me contava com orgulhosos olhos brilhantes, que com juras de amor, ele prometeu fazer para ela uma linda casinha branca, em local arborizado e florido. Mas ela também me dizia que ele era bonito, gentil e conquistador e o coração dela pulsava por ele e seu amor era cantado em prosa e verso.

Sempre amiga Maria Cecília

(À Maria Cecília *in memoriam*)

Se existiu alguém que dominou a arte de fazer versos com leveza, com a doçura do néctar, enviando-os a toda população piracicabana, foi a nossa poetisa maior Maria Cecília Machado Bonachella.

Neste momento, seus versos alimentam nossa alma entristecida, mexem com a nossa sensibilidade e nos fazem voltar no tempo e refletir. A reflexão aparece logo em primeiro plano, por ela ter compartilhado conosco, com tanto

gabarito, quer abrindo espaço para a revelação de novos talentos, quer participando dos movimentos literários.

Foi uma das fundadoras do Centro Literário de Piracicaba e coordenadora da página semanal "Palavras e Versos" do Jornal de Piracicaba. Coordenou as Oficinas de Poesia com o apoio da Secretaria de Ação Cultural e da Biblioteca Municipal "Ricardo Ferraz de Arruda Pinto".

Além de sua liderança natural, era firme em suas convicções. Para provar isso, basta analisar o texto deixado por ela no "Projeto Memória Viva":

-- Numa empresa capitalista, funcionários têm o compromisso de gerar lucros. Numa oficina, no caso, uma "Oficina de Poesia", a intenção dos participantes é expandir os horizontes além da inspiração, até o limite da criação poética, cultural e social, para serem capazes de levar os leitores a conhecer seus trabalhos e, de coração aberto, tentarem compreender suas ideias, sua criatividade, seus anseios...".

O exemplo dado por Cecília, seu conhecimento da arte literária, marcou época, pois ela tocou corações e reviveu em nós o gosto pela poesia. Amiga, que saudade... Deus a receba e ordene aos anjos para que, em coro, declamem suas lindas poesias!

Ontem presente

Pensei que aquele tempo
não acabasse nunca!
Nostalgia, melancolia? Não...!
Alegria, emoção, euforia
ao lembrar a infância.

Remexer o interior
Despertar emoções adormecidas
Retrospecções profundas...
Âmago sensível, contorcido.

Pensamento presente no passado
Rio de sensações... ações
cortadas por oceanos infindos.

A distância do tempo
nada significa;
se o presente é bem vivido
o passado é infinito!

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ARMANDO ALEXANDRE DOS SANTOS

Cadeira n° 10 – Patrono: Brasília Machado

As curiosas aventuras de um intelectual húngaro

Quando entro em bibliotecas ou sebos, às vezes fico me perguntando se, na sua maior parte, aqueles volumes ali depositados não conservam intacta sua “virgindade”, jamais tendo sido lidos por leitores em qualquer tempo ou lugar.

De fato, quanta e quanta coisa se escreve e se publica e logo, logo, logo, é sepultada no esquecimento! Todo autor, especialmente iniciante, tem esperança de virar *best-seller*, de conquistar fama, glória, prêmios... E quase todos os autores acabam se resignando à triste sina dos escritores sem fama, sem glória, sem prêmios e, o que é pior, muitas vezes com prejuízos econômicos. Sem falar nos estoques não vendidos, acumulados em baixo de alguma cama ou dentro de algum armário...

Não me consta que tenham sido feitas estatísticas de quantos, dos muitos milhares de lançamentos que, ano a ano, faz nosso mercado editorial, chegam a render alguns suados tostões aos seus laboriosos autores. Mas creio que é uma porcentagem mínima! A seleção natural do mercado livreiro é dura, é cruel, é inclemente.

Por tudo isso, é sempre com satisfação que abro, ou reabro, um livro com valor inquestionável, que já passou pelo crivo da crítica e, ainda que não tenha tido o merecido sucesso comercial, tornou-se bem conhecido dos entendidos e rendeu, se não dinheiro, pelo menos merecido prestígio ao seu autor.

É um desses livros que estou saboreando no momento, e que, a bem dizer, já nasceu com vocação para tornar-se um clássico no seu gênero: "Como aprendi o português e outras aventuras", de Paulo Rónai, publicado pela primeira vez em 1956 e, em segunda edição, pela Editora Artenova, do Rio de Janeiro, em 1975. É esta segunda edição que tenho em mãos.

Rónai, nascido em Budapeste, na Hungria, em 1907 e falecido em Nova Friburgo, em 1992, chegou ao Brasil já adulto, em 1940, e aqui se estabeleceu de modo tão harmonioso e feliz que se transformou num dos grandes mestres das nossas letras. Fez parte de um numeroso grupo de intelectuais de origem judaica que conseguiu escapar à perseguição do III Reich e vieram, no Brasil, refazer sua vida, aqui deixando copiosa obra. Talvez o mais famoso desses intelectuais tenha sido o bem conhecido Stefan Zweig (1881-1942). Mas Rónai, pelo seu mérito intelectual não fica atrás de Zweig, pelo contrário, ambos travam um páreo muito duro e possivelmente encerre com empate, ambos em primeiro lugar. Otto Maria Carpeaux (1900-1978), crítico literário austríaco, é outro desses intelectuais aclimatados no Brasil e incorporados à sua alta cultura.

Aqui em nosso País, Rónai logo se abrasileirou. Colaborou intimamente com o dicionarista Aurélio Buarque de Holanda Ferreira e, juntos, empreenderam muitas edições de livros estrangeiros, em traduções bem cuidadas e acessíveis. Teve, ainda, amizade e colaboração com Guimarães Rosa, Cecília Meirelles e Carlos Drummond de Andrade. Foi professor emérito do Colégio Pedro II, onde lecionou Francês e Latim, e publicou numerosos livros de sua lavra, ademais das traduções, destacando-se ainda como crítico literário.

O livro que estou lendo é um conjunto de 30 peque-

nos ensaios, todos originalíssimos pelo tema e pelo modo como o escritor os aborda. Todos são lidos de modo agradável, porque escritos de modo interessante e descontraído. Não cometerei, podem meus leitores estar certos disso, a impropriedade de reproduzir aqui, com minhas palavras, o que ele escreveu. Melhor é que todos vão se abeberar à fonte e leiam, nas próprias palavras de Rónai, o que ele escreveu.

Limito-me a um ou outro ponto, apenas como “isca”, como chamariz para incentivar os leitores a lê-lo diretamente.

Sabem como ele aprendeu o português? Esse é o tema do primeiro dos ensaios.

– “Às vezes me perguntam como aprendi o português. Respondo geralmente que não o aprendi e provavelmente nunca hei de aprendê-lo” – assim começa ele, modestamente, o seu ensaio, rendendo homenagem à riqueza excepcional e à extrema sutileza de nosso idioma. Em seguida, conta que, ainda jovem, lecionava Latim e Italiano numa escola secundária da capital magiar e frequentava um café onde se reuniam seus amigos linguistas, todos dedicados a línguas exóticas. Um estudava um dialeto de uma tribo perdida da Ásia, outro o de uma etnia da África, outro se dedicava a uma língua morta absolutamente desconhecida e assim por diante... Só ele, envergonhado, confessava saber Latim e se interessar por línguas neolatinas, conhecidas e nada exóticas.

Depois de remoer a humilhação, resolveu, por fim, procurar algo mais exótico, mais raro, que, naquele pequeno cenáculo de especialistas, lhe rendesse um pouco de prestígio. Desejava algum idioma extinto ou, pelo menos, falado por muito pouca gente, de preferência por uma meia dúzia de pescadores analfabetos, em alguma ilha remota.

Procurou, procurou e nada achou. Começou, afinal, a estudar o português, mas como era língua viva e, ademais, falado por muita gente, confessa que teve vergonha de contar aos amigos. Foi quase secretamente que conseguiu um velho dicionário português-alemão e, auxiliado pelo latim, pelo italiano e pelo francês que já dominava, foi adentrando a "última flor do Lácio, inculta e bela".

Revela que, de início, a língua lhe pareceu demasiadamente fácil, tudo muito claro e sem obscuridades. Foi só ao aprofundar os estudos que as leves inclinações de terreno se revelaram serras escarpadas, que uma gramática aparentemente simples se complicou com numerosas exceções e tudo ficou difícil. Mas aí ele já estava apaixonado por nossa língua, e nada mais poderia impedir o romance e o verdadeiro casamento com ela, que realmente ocorreu.

As dificuldades eram numerosas. A letra x, por exemplo, correspondente a quatro ou cinco sons diferentes, era algo que não conseguia dominar. Simplesmente inexistia, no húngaro, tal letra misteriosa. O excesso de vogais, para nós, luso-brasileiros, tão natural, era algo que o chocava. Sentia falta daquelas palavras para nós estranhas, com dez ou 12 consoantes e apenas duas vogais perdidas pelo meio, como no húngaro ou nos idiomas eslavos. Procurava, mentalmente, explicar-se como a palavra lua pode ter vindo do latim *luna*, como pessoa pode provir de *persona*, como *vetera* pode ter confluído na nossa velha. Os sons anasalados do idioma português também constituíam barreira aparentemente intransponível para seus ouvidos e suas cordas vocais.

Os gêneros eram outro problema. Por que criança era palavra feminina, se designa indistintamente meninos e meninas. Qual a razão lógica dessa opção? Também a na-

turalidade com que nossa língua incorpora vocábulos de origem árabe, como alfaiate, o surpreendia. Não seria mais normal que um alfaiate costurasse túnicas ou albornozes mouriscos, deixando para algum profissional que usasse uma designação mais próxima do *sartor* (costureiro, em latim), o corte de casacas e calças europeias?

Já palavras feias para nós, brasileiros, como horrendo e nefando, para o jovem Rónai sorriam amigavelmente e pareciam simpáticas, porque fiéis às suas raízes latinas. Também o infinitivo pessoal – que normalmente causa muita dificuldade aos estrangeiros que aprendem nossa língua – lhe pareceu familiar, porque os húngaros têm a rara peculiaridade de possuí-los, como nós.

Camões, que para nós apresenta não pequenas dificuldades, curiosamente foi fácil para Rónai, porque auxiliado por uma boa tradução húngara e, sobretudo, porque conhecia bem Virgílio e Torquato Tasso, estando ainda familiarizado com a mitologia grega.

Pôs-se, a certa altura, a traduzir para o húngaro, poesias brasileiras. E então os problemas ficaram ainda mais aflitivos, porque os brasileirismos não constavam do dicionário português-alemão, nem de um velho dicionário português-francês que, àquela altura, já tinha conseguido. O resultado é que o mesmo Rónai que lia sem dificuldade Os Lusíadas, penava para decifrar, e muitas vezes não conseguia, poetas como Vicente de Carvalho e Mário de Andrade.

Um exemplo, entre muitos outros: certa vez teve que traduzir para o húngaro a palavra dezembro, dentro de um poema. Em magiar, a palavra equivalente, de mesma raiz (*december*) evoca, de imediato, ideia de frio intenso, de gelo, fome e miséria. Nada mais estranho à ideia que, no poema brasileiro, esse vocábulo queria significar, aludindo

a um escaldante Natal carioca. Como traduzir sem trair a forma ou o fundo do poema?

Outro exemplo: como traduzir "morros cariocas"? Morros, qualquer dicionário explicava, eram elevações de terreno, colinas, outeiros. Até aí, tudo bem. Cariocas, também ficava claro, era a designação dada às pessoas e, por extensão, às regiões do Rio de Janeiro. Mas o que queria dizer o poeta com aquela reiterada referência aos morros cariocas? Só depois de muito pensar é que o tradutor conseguiu compreender a conotação sociológica e econômica da expressão. "Gente do morro" era gente pobre, favelada, sem eira nem beira. Como ele poderia adivinhar isso, se em Budapeste as famílias mais ricas moravam exatamente nos morros, ficando as regiões mais baixas da cidade reservadas para as pessoas menos endinheiradas?

Outra expressão difícil: rede. Traduzindo certo poeta que sonhava deitado numa rede, Rónai, que nunca vira uma rede brasileira, entendeu tratar-se, metaforicamente de uma rede de sonhos em que o poeta se enredava... e traduziu assim, erradamente, somente muitos anos depois se dando conta do engano.

As poesias brasileiras, traduzidas por Rónai, foram publicadas no final de agosto de 1939, num volume, sob o título "Mensagens do Brasil". Durante três dias, o audaz e pioneiro tradutor gozou dos louros de seu feito, celebrado e bem acolhido pela crítica. No quarto dia, porém, tinha início a Segunda Guerra Mundial, com a invasão da Polônia pelas tropas nazistas, apoiadas pelos russos, com os quais Hitler acabava de firmar tratado de amizade e cooperação, o famoso tratado Ribentrop-Molotov...

Seguiram-se 15 meses de sofrimento e aflições, que pareciam ter sepultado, para todo o sempre, o atraente e distante Brasil, com sua hermética poesia cheia de misté-

rios. Mas, afinal, Rónai conseguiu escapar com vida. Chegando a Portugal, uma decepção: entendia tudo o que lia, sem problemas, mas não entendia nada do que ouvia. Ele, que julgava já conhecer o idioma português razoavelmente, deu-se conta de que sua prosódia lhe era absolutamente desconhecida! O sistema luso de “comer” as vogais subtônicas na pronúncia deixou-o sem referenciais. Começou a duvidar do idioma português que julgava já conhecer.

Embarcou, então, para o Brasil. Quando desembarcou, no Rio de Janeiro, desde o primeiro momento estava entendendo tudo o que todos falavam. Era o português do Brasil, com todas as suas vogais bem pronunciadinhas, e não o de Portugal, que ele, sem jamais ter ouvido som algum, aprendera nas suas incursões linguísticas realizadas, autodidaticamente, em Budapeste!

Tinha início, então, a vida de Rónai em sua terra de adoção. Com o Brasil e com a língua de Camões falada do lado de cá do Atlântico, foi um caso de amor ao qual Rónai se manteve inabalavelmente fiel.

Fico por aqui, que já escrevi demais. Fica, mais uma vez, feito o convite para o paciente leitor e a amável leitora que me acompanham neste artigo: que, vão, diretamente, ao velho Rónai.

Garanto que não se arrependerão.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICO BARJAS NEGRI

Cadeira nº 5 – Patrono: Leandro Guerrini

**O nascimento do Teatro do Engenho
'Erotides de Campos'**

Durante muitos anos o Parque do Engenho Central apresentou-se mal cuidado e muito pouco atrativo à população. Um dos poucos eventos que lá se realizava, em meio à poeira, piso de pedrisco que quebrava os saltos das senhoras, armazéns com goteiras, enfim, em uma situação bastante precária, era a Festa das Nações.

Desde 2005, quando assumimos a Administração do município, estava planejada a ocupação definitiva do Engenho com o claro objetivo de torná-lo um complexo de arte, lazer, turismo e negócios. Porém, precisávamos de um acordo com a família Silva Gordo, proprietária do imóvel, para uma continuidade segura.

Em 2007, tiveram início as negociações para o pagamento parcelado que desse fim a uma pendência antiga e cara. Paralelamente, fomos caminhando com as obras de infraestrutura mais urgentes e trabalhando a recuperação dos armazéns com recursos municipais ou com parcerias. Finalmente, conseguimos resolver a questão. Finalizamos o pagamento parcelado de um precatório de R\$ 27 milhões e o Engenho Central tornou-se propriedade dos piracicabanos.

Dentro desse contexto, um projeto audacioso ganhou corpo: a transformação do antigo Armazém 6 e um teatro. Apesar das finanças públicas estarem bastante equilibra-

das, o momento não permitia esta ação em sua totalidade. Fomos ao mercado e por meio de leis de incentivo, renúncia fiscal, conseguimos patrocínio do Banco Santander, um dos parceiros da Administração, que arcou com 80% das intervenções que, somando obras, equipamentos e tapeçaria, eram orçadas em R\$ 10 milhões.

Garantida a verba passamos à ação. O projeto assinado pelo arquiteto Marcelo Ferraz, do Escritório Brasil Arquitetura, incluía, além do restauro do prédio, as redes de hidráulica e elétrica, acústica, ar-condicionado e iluminação. As obras foram executadas pela Proeng e a proposta de restauração deu espaço a um amplo teatro, construído em dois pavimentos que remontam ao teatro elisabetano. Outra novidade foi incorporada - o palco interno que extrapola a edificação - formando, com uma praça do Engenho, ampla área de atividades culturais que hoje recebe eventos, como Festival de Circo, o Rockaipira, o Festival Jazz Manouche e tantos outros.

Importante salientar que todo processo de restauro foi concebido de forma a manter as marcas do tempo no galpão, com soluções que permitissem revelar seu uso industrial. Ao final, a construção apresenta a "nave central", o teatro propriamente dito com 422 lugares. As demais dependências abrigam, de um lado, restaurante, bar, cozinha industrial, camarins, banheiros e hall e, do outro, sala de atividades multiuso, utilizada para ensaios e até mesmo para hospedagem de escolas de música, artes cênicas, dança e outras. O projeto acústico recebeu a assinatura de José Augusto Nepomuceno, o engenheiro responsável pela acústica da tradicional Sala São Paulo, na capital.

Apresentado oficialmente à imprensa e aos municípios em novembro de 2009, as intervenções foram iniciadas em março de 2010 e, finalmente, em 27 março de 2012, Dia

Mundial do Teatro, o novo Teatro do Engenho foi entregue com extensa programação de abertura que perdurou por 24 dias, sempre com entrada gratuita. Entre as atrações estiveram a internacionalmente aclamada São Paulo Companhia de Dança, com espetáculo coreografado por John Cranko. Outra reconhecida atração foi trazida pelos bailarinos Ana Botafogo e Helio Bejani. Houve ainda espaço para a Orquestra Sinfônica de Piracicaba, regida pelo saudoso maestro Egildo Rizzi, além da encenação de piracicabanos consagrados, como Carlos ABC e Raul Rozados, entre outros.

A excelência desta obra foi reconhecida não apenas do ponto de vista da cultura, mas também da arquitetura. No mesmo ano de sua inauguração recebeu o prêmio bianual do Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento de São Paulo (IAB-SP), concurso, que acontece desde 1968 e reconhece propostas na área da arquitetura que contribuem para o desenvolvimento do Estado de São Paulo. O projeto de restauração do Armazém 6, que tornou-se o Teatro do Engenho, foi contemplado na categoria Requalificação e Restauro de Edifícios de Caráter Histórico, Prêmio Antonio Luiz Dias de Andrade (Janjão).

Diante do bom resultado desse casamento de um bem tombado com as inovações tecnológicas exigidas por um teatro que é considerado um dos melhores do Estado de São Paulo, decidimos homenagear um artista com a mesma relevância. Foi denominado Erotides de Campos, eternizando o célebre compositor e instrumentista nascido em **Cabreúva** que, em 1908, mudou-se para Piracicaba. Aqui, **passou a integrar conjuntos musicais e lecionou química na Escola Normal Sud Mennucci**. Em 1926, teve gravada pelo cantor Vicente Celestino sua obra de maior sucesso, a valsa "Ave Maria". Entre suas mais de 230 com-

posições estão choros, sambas, valsas, maxixes, marchinhas, dobrados, tangos e charlestons. Erotides faleceu em solo piracicabano, de ataque cardíaco, em 1945.

Com a chegada do imponente espaço artístico-cultural dentro do Engenho Central, os piracicabanos passaram a ser ainda mais privilegiados por terem dois teatros municipais em pleno funcionamento. Fato raro em cidades do interior e que só faz consolidar ainda mais a constante efervescência das artes em nossa cidade.

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARLA CERES OLIVEIRA

CAPELETI

Cadeira nº 17 – Patrona: Virgínia Prata Grigolin

Poemas Infantis

Escrevi esses três poemas infantis especialmente para o programa de rádio Balaio Trançado de Histórias, da minha querida colega de APL, a escritora Carmelina de Toledo Piza. Agora aproveito a oportunidade para compartilhá-los com os adultos. Espero que gostem.

Meu relógio favorito

Acordei de madrugada,
Ouvindo o relógio cuco.
Esse relógio caduco
Estava de brincadeira.
Cantou umas doze vezes,
Disse que era meia-noite,
Despertou a casa inteira.

Que meia-noite, que nada!
Eram três da madrugada
E o relógio não sabia.
Ou só quis fazer zoeira
Ou talvez até pensasse
Que já era meio-dia.

Antes daquele acidente,
O relógio funcionava.
Marcava o tempo certinho
E, a cada hora, cantava.

Concordo, a culpa foi minha.
Levei bronca, ouvi sermão,
Fiquei meses de castigo,
Porque esbarrei de levinho,
Quando subi na cadeira,
Para olhar o passarinho
E o relógio foi pro chão.

Até deu pra consertar,
Desentortar a portinha,
Mas deixou de funcionar
Como um relógio decente.
Agora canta pra gente
Na hora que bem quiser,
Mas é muito divertido
Ter um cuco assim caduco,
Não um relógio qualquer.

Dar corda

Por que que a gente dá corda
Se o relógio não concorda
Com a hora que a gente quer?

Por que que a gente dá corda
Se cada relógio acorda
A gente do melhor sono,
Se nunca pode esperar
Um minutinho sequer

Antes de mandar parar
A brincadeira legal
E tratar de tomar banho,
Estudar ou trabalhar?

Faz sentido alimentar
Com pilhas ou baterias
Esses relógios mandões
Que azucrinam nossos dias?

Pensando bem, é melhor
Eu parar de reclamar.
Amanhã tem excursão
Pro parque de diversões.
Se meu relógio se ofende
Pode até não me chamar.

Artes do Vento

Passou um vento exibido
na porta da minha casa.
Precisa ver que beleza
De tapete que ele fez!
Colheu flores nos ipês,
e forrou toda a calçada.
Depois tornou-se um buquê
e girou amarelindo
formando o redemoinho
mais incrível que eu já vi.
Por fim, o artista vaidoso
ventou feliz na varanda,
tocou música animada
nos nossos sinos dos ventos.
Não resisti e aplaudi.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA CARMEN MARIA DA SILVA
FERNANDEZ PILOTTO**

Cadeira n° 19 – Patrono: Ubirajara Malagueta Lara

O menino e o piano

“Ebony and Ivory live together in perfect harmony”

(PAUL MCCARTNEY)

Os olhinhos saltitam
E o coração descompassado
Tentam seguir as teclas mágicas
Portadoras dos sons do universo

Como a alma pueril
Sorve tanta emoção
Da sublime linguagem
Éter que inebria?

Entre bemóis e sustenidos
A sinfonia se entranha
Causando indeléveis ranhuras
Da felicidade que a Arte traz

E eu, atrás de uma coluna
Observo absorta a rara cena
Genuína imersão em volúpia
Da música que nos faz divinos...

Desalentados

Reincidências em filas
Contínuas decepções
De que valem classificados
Ou inúmeras cópias de insípidos currículos
Diante de faces inexpressivas
Dos olhares desviados
Em opacas negativas

Canto do quarto
Acolhe apatia
Enrolo coberta ao corpo
Na resiliência do destino...

O Universo, a Terra e eu

SALMOS 77:6: *De noite chamei à lembrança o meu cântico;
meditei em meu coração, e o meu espírito esquadrinhou.*

“Notícia Portal G1 de 29/07/2019: Sobrecarga da Terra 2019: Planeta atinge esgotamento de recursos naturais mais cedo em toda a série histórica”

Aonde chegamos? **No vermelho dos recursos naturais.** A sensação é de coautoria dessa triste notícia, a não ser que você seja um ser extremamente egoísta e alienado. Tentamos, em tempos recentes, mudar alguns padrões, mas tudo acontece muito lentamente para que surta algum efeito. O quanto contribuímos enquanto agentes transformadores de leitores que necessitam acordar para o perigo a nossa sobrevivência? Quase nada...

Precisamos nos atentar que a finitude do Planeta está gritando por práticas mais efetivas. Há atitudes simples que podemos adotar e certamente contribuiremos para que o processo de desgaste seja de certa forma minimizado:

Não aos itens plásticos. Não é possível que você não acompanhe a grande deterioração dos oceanos ... Canudos, sacolas, garrafas PET deveriam ser abolidos em nossas rotinas. Quanto custa andar com uma sacola em seu carro? Observe o que você compra ou consome, de que material é feito? Até cotonetes na atualidade apresentam opções não poluentes. Reflita, procure, sua economia ou posicionamento comodista podem causar o comprometimento das futuras gerações....

Equilíbrio no consumo de carne e alimentos processados. Há movimentos intermediários como a "Segunda sem carne" que trazem comprovação de eficácia em números. O Brasil, especialmente, é um país rico em grãos, verduras e hortaliças, o que certamente pode oferecer um cardápio variado e saudável.

Redução do consumo de produtos. Você precisa comprar tanto? Não consegue estimular sua habilidade criativa em reciclar, reutilizar e customizar o que já possui? Tudo que é manufaturado demanda consumo de energia. Tente ao menos fazer um exercício. Uma amiga recordou-nos uma grande sabedoria, no momento da aquisição questione a si mesmo: Eu preciso disso? Posso viver sem? É realmente necessário? O consumo consciente pode trazer inúmeros benefícios e fará de seu universo doméstico um local muito mais aprazível e sustentável.

Há inúmeras outras situações em nossa rotina para as quais podemos refletir e tomar posicionamentos mais racionais e pertinentes. Somos seres inteligentes e podemos ponderar sobre nossas falhas e reprogramar compor-

tamentos. A partir do momento que um grupo expressivo assumir posições firmes de visão de sustentabilidade e cidadania, diante da premência da escassez de nossos recursos, outros se espelharão e certamente adotarão também medidas similares. As replicações de ações devem ser iniciadas pelos formadores de opiniões, porque se isso não acontecer estaremos traçando o destino fatídico de um planeta a ser extinto no Universo...

Vespertinos

Cinzas plúmbeos
Saúdam fragilidades
Escoando em garoas tristes
Nas tardes do meu vazio

Os pássaros solitários
Protegem-se nos beirais
Acuados pela urbanidade
Eles e eu esvaídos em destrajetos

**COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO CÁSSIO CAMILO ALMEIDA
DE NEGRI**

Cadeira n° 20 – Patrono: Benedicto Evangelista da Costa

Ilusão

Maria tinha lindíssimo rosto, olhos azuis, corpo es-cultural, desejada por todos os rapazes da sua cidade.

E o tempo passou...

Tão linda, um dia se casou com o mais perfeito dos rapazes, o mais rico, o mais educado, o mais-mais..

E o tempo passou...

Vieram os filhos, tão lindos, inteligentes, perfeitos.

E o tempo passou...

Tinha a melhor casa da cidade, verdadeiro palácio, e também um lindo carro, o mais belo da cidade. Viajava pelo mundo em primeira classe, conhecera todos os países.

E o tempo passou...

O marido apaixonado, só tinha olhos para ela.

E o tempo passou...

Os filhos cresceram, todos formados nas melhores escolas, sempre os primeiros da classe.

E o tempo passou...

Os cabelos platinaram, ela os tingiu. As rugas vieram e ela fez muitas plásticas.

A barriga cresceu, fez lipoaspiração. As verrugas começaram a aparecer junto às manchas de pele. Foi ao melhor dermatologista para atenuá-las.

E o tempo passou...

O seio caiu, colocou próteses de silicone. A gengiva

retraiu, os dentes amarelaram, o dentista corrigiu.

E o tempo passou...

O marido morreu, ela chorou. O caixão fechou, ela quis ir junto, mas na hora "H" desistiu. E sofreu muito ficando sozinha.

Chorou, chorou, mas o tempo continuou, e como sempre, passou...

Seu dia chegou, o tempo parou, a ilusão acabou...

O Tesouro

Setembro de 1936. Nathan, um judeu alemão muito rico, residente em Berlim, pressentia as dificuldades que viriam com o chanceler alemão Adolf Hitler.

Sorratamente, vendeu todos seus bens, transformou-os em ouro e dólares reuniu-os em um pequeno avião e em uma manhã triste e chuvosa, prenunciante da segunda guerra mundial, partiu levantando voo, ele, o piloto e seu tesouro.

Desviou o avião para o sul, pois não pretendia despertar atenções indo em direção ao norte da África, sobrevoou o deserto do Saara e seguiria rumo oeste, alcançando a América.

Olhava para baixo e sorria, como quem tivesse driblado o destino. Via dunas e mais dunas de areia, espalhando suas sombras arredondadas ao por do sol africano. Pareciam até uma dessas pinturas modernas que admiramos mas não sabemos o que são.

No entanto, o voo baixo permitiu que uma ave se



chocasse com o motor e o avião, deixando um rastro de fumaça negra, caiu na areia quente.

O piloto morreu, o tesouro se espalhou, e Nathan se viu com a perna quebrada, sob o sol que morria no horizonte.

A areia ainda estava quente e no céu já brilhavam a lua quarto crescente junto com uma grande estrela, como aquele símbolo do islamismo.

O grande negociante e empresário ajeitou alguns sacos de dólares como colchão, e ali passou a noite. Dormia e acordava alternadamente, pois o frio intenso do deserto já se fazia sentir junto com a dor na perna quebrada.

O céu claro e repleto de estrelas, naquele momento foi apreciado como nunca havia sido antes. Assim passou a noite.

O horizonte avermelhado anunciava o sol, que durante o dia o castigou. Conseguiu esconder-se sob os sacos de dinheiro. A sede o assediava, a dor judiava e no céu, o astro rei fazia a areia quase enrubescer.

Deitado, sua mente voltou à época da infância, lembrou-se dos dias felizes de menino rico, do pai já falecido, da mãe e dos irmãos que abandonara na Alemanha.

Conforme a sede o castigava, pensava que daria todo aquele dinheiro por um copo de água, mas não tinha ninguém com quem negociar.

Então, negocia com Deus, prometendo que daria parte do seu tesouro para os pobres.

Mais um dia se passa e parece que Deus não queria aceitar o negócio. Ofereceu

todo o tesouro mas o negocio não se efetivou.

Passaram-se quatro, cinco dias, e via miragens de copos de água gelada, riachos refrescantes onde enfiava as mãos e ...jogava areia quente na cabeça.

Delirando, recordou-se que quando garoto, seu maior tesouro era um pião que não saía do seu bolso. Depois, foi uma bicicleta que ganhou do avô, mais tarde uma motocicleta BMW e o Mercedes Bens que ganhou do pai.

Anos depois, seu maior tesouro foi a joalheria montada com o próprio trabalho, o banco do qual era o principal acionista, o ouro e dólares que juntara. Seus tesouros foram ficando mais e mais valiosos e naquele momento, trocaria tudo por um copo de água. Fechou os olhos e imaginou um copo, que nem precisava ser de água tão cristalina.

Anos mais tarde, um tuaregue encontrou um tesouro em barras de ouro, os dólares nem mais existiam. No meio deles, um esqueleto parecia sorrir. Teria Nathan encontrado finalmente seu verdadeiro tesouro?

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO EDSON RONTANI JÚNIOR
Cadeira nº 18 – Patrona: Madalena Salatti de Almeida

O falso glamour do cigarro no cinema



Com a telona, ele teve um romance secular. O cigarro e o cinema foram o par perfeito para o merchandising. Teve penetração mundial e só dividiu espaço, a partir dos anos 40, com a televisão. Por mais algumas décadas, esse romance caminhou a passos largos. Foi então, que a consciência do homem doeu e a separação tornou-se inevitável.

A lei anti-fumo, em vigor, faz recordar o quanto unidos estiveram o cinema e o cigarro. Desde seus primórdios, o cinema já utilizava o fumo como artefato de glamour, já

associava o ato de fumar à celebridade, à fama e ao dinheiro. As principais estrelas do cinema apareciam em fotos sempre segurando um cigarro ou charuto. Algumas com longas piteiras para ficar mais chique. Cachimbo foi pouco explorado, tendo em Basil Hathbone, na série "Sherlock Holmes", seu expoente máximo.

No cinema em preto e branco a fumaça exalada numa sala fechada criava uma aura mágica aos olhos do espectador sentado no escuro do cinema. O cine noir, aquele estilo clássico nos anos 40 e 50, era feito em preto e branco no qual mocinhos e bandidos empunhavam, além de armas, o cigarro (o qual também não deixa de ser uma arma).



Aliás, o filme que inaugurou o estilo noir, "Relíquia Macabra" (ou "Falcão Maltês", duas traduções recebidas no Brasil), escrita em 1930 por Dashiell Hammet, foi o ícone do mocinho fumante. **Humphrey Bogart**, no papel de Sam Spade, empunhava um cigarro atrás do outro. John Huston neste filme rodado em 1941 conseguiu unir a escuridão necessária para o

cine noir com baforadas brancas que geravam um contraste interessante. Spade gostava da marca Lucky Strike, perpetuada depois em série para a televisão que levava o seu nome e mostrava o mundo do suspense.

Um ano depois, no drama "Estranha Passageira" (Now, Voyager) temos o mais clássico exercício do fumo associado à virilidade masculina e à meiguice feminina. Quase ao final do filme, ao som da trilha do mestre Max Steiner, Paul Henreid acende de uma só vez dois cigarros.

Fica com um em sua boca e coloca o outro nos lábios de Bette Davis. “Não vamos pedir a lua. Nós temos as estrelas”, diz Henreid. Cinéfilos de todo canto do mundo cultuam essa cena, mesmo sabendo do perigo que o cigarro sempre representou.

No cinema, na tela, no set, nos bastidores, nos encontros sociais ... No clássico “Casablanca”, 75% de suas cenas possuíam alguém com um cigarro na mão, um charuto na boca ou um narguilé na mesa. E isso mexia com o consciente coletivo. Foi a associação de um símbolo ao status, que dava força ao oprimido, unia corações e celebrava uma glória. Nos anos 1990, a indústria cinematográfica fez acordo com os órgãos de saúde, principalmente nos Estados Unidos, com o objetivo de diminuir a exposição do fumo na telona. Isso é praticado até hoje. Mas por outro lado, foi necessária uma compensação. Ou não? Vemos hoje nas produções de Hollywood grifes e mais grifes, sejam de relógios, bebidas, roupas, carros, celulares e notebooks. Não é verdade? O consumismo está mais que ativo!

O jornal inglês *The Lancet* publicou, em 2003, pesquisa dizendo que o fumo nos filmes é responsável por cerca de 52% da iniciação ao tabagismo entre jovens de 10 a 14 anos. Lembremos que hoje os filmes feitos para o cinema vão para a TV e estão disponíveis em DVD ou via streaming para qualquer faixa etária expondo essa incitação a qualquer público, seja infantil, adolescente ou adulto.

“Obrigado por fumar”, do diretor Jason Reitman feito em 2006, mostra a manipulação do merchandising pelo interesse da venda. Os interesses de um país são corrompidos pela indústria tabaqueira que consegue mudar a opinião de senadores prestes a votar uma lei banindo o fumo. Dá para se pensar no que acontece ...

Da televisão, os cigarros já sumiram. Nas disputas

de Fórmula Um também. A lei brasileira quer isso. Quer economizar dinheiro com os tratamentos necessários para a recuperação de um fumante e suas conseqüências. Busca também criar conscientização para que vigiemos nossos amigos e quem é fumante passivo não tenha que enfrentar as baforadas daquele que é fumante ativo. Em breve chegaremos numa época em que a fumaça de um cigarro nada mais será que um efeito especial criado por computador.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA ELDA NYMPHA COBRA
SILVEIRA**

Cadeira nº 21 – Patrono: José Ferraz de Almeida Junior

A festa de Babette

Assisti a esse filme várias vezes e sempre me empolgo! A história é da escritora dinamarquesa Karen Blixen. Trata-se de um drama, muitíssimo bem escrito e levado às telas com adaptação de Gabriel Axel que buscou ser fiel ao texto. Babette aparece em uma ilha no litoral da Dinamarca, sozinha, fugindo da Comuna de Paris depois que seu marido e seus filhos foram mortos.

Com a ajuda de um parente viajou em um barco e aparece nessa ilha pedindo abrigo para duas irmãs solteironas Martina e Filipa, filhas do pastor luterano daquele lugar, onde todos comungavam a mesma religião, depois da surpresa, ela foi acolhida pelas irmãs, sem pagamento, pois eram pessoas sem posses.

Por muitos anos Babette trabalhou na casa dessas irmãs, que não haviam se casado impedidas por seu pai austero, embora tivessem pretendentes. Babette não só ajudava as solteironas como toda comunidade com seus préstimos. Certo dia ela recebe o prêmio máximo, 10 mil francos de uma loteria da França, o qual resolve gastar, oferecendo um jantar, para comemorar o centenário de nascimento do pastor, pai das duas solteironas. Ninguém sabia quem ela era, nem que fora a “chef” do Café Anglais, um dos mais esmerados e famosos de Paris. Todos os habitantes do vilarejo eram hipócritas, falsos, fofoqueiros, amargos e cheios de maldade. Eram sérios, não se divertiam não se

permittedam se alegrarem. Para eles, tudo era pecado, então só trabalhavam e se encontravam nos cultos dos domingos.

Desconfiaram desse jantar fora da rotina da comunidade e combinaram não se entregarem à alegria e satisfação pelo prazer da comida, porque não queriam cair no pecado da gula e do prazer. Precisavam ser estóicos! Assim, aconteceu o requintado jantar à francesa, com bebidas e sobremesas divinas. Mas os vinhos, pouco a pouco, foram liberando a alegria e prazer fazendo brotar daqueles corações, endurecidos pela hipocrisia e a falsidade, a sinceridade e mútuo amor entre as pessoas, e então, começaram a confessar seus pecados e desavenças, pedindo perdão uns aos outros e finalmente se perdoam mutuamente.

Ao se despedirem das donas da casa, já lá fora, fazem uma roda, e de mãos dadas entoam cânticos de redenção e alegria a tanto tempo sufocados. É como um resgate de amor.

Babette usou os prazeres da mesa e do vinho para que todos abrissem seus corações e finalmente se sentissem felizes, externando o prazer desse momento vivido todos juntos.

Esse filme de Gabriel Axel nos conduz a pensar que o sacrifício de Babette não foi em vão, mesmo que eles nem merecessem. Fazendo um paralelo como Deus em Cristo nos salva e nos convida, sem termos merecimento, para uma festa de contentamento e prazer junto dEle.

Os aldeões são transformados quando criam coragem para abrir mão de seus pecados há muito escondidos e recebem a graça do perdão dos membros da comunidade.

Procurem assistir esse clássico da filmoteca, que ainda nos prende a atenção, mesmo em preto e branco, porque é uma metáfora sobre o comportamento humano numa pequena comunidade, mas ainda está presente quando a inveja, o falatório, a difamação se incrustam entre nós todos, onde só há malefícios, e nada se constrói com essa atitude!

A energia das ruas

A casa é o símbolo da caverna, isso desde tempos imemoriais, é onde se busca o conforto e a segurança e consequentemente a paz. E o que dizer das ruas? Elas emanam emoções, porque nelas percorrem pessoas que têm sentimentos, esperanças, expectativas, ilusões ou desilusões, e as energias dominam esses transeuntes carregados de pensamentos. Trafegam rumo ao trabalho, passeios e diversão. È por onde passam norteando seus caminhos para suas vidas bem vividas. Há ruas que são seletivas porque por elas transitam a fina flor da sociedade que tudo têm (tem) e não precisa ansiar por nada. Tudo podem e residem em bairros privilegiados. Há ruas ativas, perfumadas, com vitrines coloridas e objetos da hora. Tudo que é fashion e moderno despertando desejos de quem trafega por elas Mas... sempre há um mas, nessas ruas das capitais da Europa, do Brasil e outras metrópoles e mesmo de cidadezinhas do interior, são aquelas mulheres de cara lambida, que costumam passar no seu dia a dia apenas pelas ruas tristonhas, esquecidas pelos governos, sem calçamento e empoeiradas e saem delas moças enfeitadas demais, ou roupa de menos fazendo a praça à noite na esperança de achar logo na primeira esquina o amor de sua vida, aquele que talvez a tirem dessa situação de "vida fácil". Outras já nem têm mais essa ilusão, e se interessam apenas pelo pecúlio, que lhes garanta uma vida de sobrevivência ou ascensão vivencial. Vivem na marginalidade com companhias nefastas, longe do bem e sem ilusão de uma vida melhor, vendendo seu corpo para quem quiser pagar.

As ruas levam nomes de pessoas que marcaram sua trajetória na cidade ou país como hoje av. Mário Dedini, rua Moraes Barros, antigamente rua Direita, e nomes curiosos como rua da Boa Morte, Dois Córregos, do Porto, Rosário,

da Glória, av. Beira Rio. Havia nomes fascinantes como a rua do Sabão, por ser em declive e escorregadia, que na época era sem calçamento. Rua dos Pescadores, rua das Flores, Primavera, que foram trocados ou não existem mais, que se transformaram ou foram atualizados nesta época. As ruas da minha infância foram a Moraes Barros, no Bairro Alto hoje Cidade Alta, depois no Centro, rua Ipiranga onde desabrochei como adulta. Tanto uma quanto a outra deixaram marcas de amizades com a vizinhança infantil e depois como mulher feita onde meus filhos visitavam meus pais, seus avós. As ruas marcam nosso caráter na convivência com nossos vizinhos, seus bons exemplos, convivência sadia e influenciaram-me até na religião, frequentando a Igreja dos "Frades Capuchinhos", cantando no coro e nas festas religiosas. Na rua da Boa Morte muitas como eu estudaram no Colégio Assunção, que nos educou. Essa rua foi palco da passeata "Marcha da Família com Deus pela Liberdade", um movimento feminista apoiado pelo clero. As ruas sentem na alma o suor dos pedreiros que cavoucaram, a calçaram ou a asfaltaram e nela ocorrem greves, carnavais, enterros, casamentos.

Elas acolhem crianças que nelas brincavam com bolas, acolhem o pedinte, os escolares, desfiles diversos, e também crimes passionais como a do artista Almeida Junior, na Praça em frente ao Hotel Central. Para conhecer as várias vertentes das ruas e gozar das suas nuances é preciso ter espírito vagabundo. Flanar curioso pelas suas vias e esquinas tortuosas, cheias de mistério, perdidas no tempo, procurando devassar a vida dos que sonharam e viveram nas velhas casas e mesmo nas mansões imponentes, que hoje estão à espera da sua ressurreição num novo prédio mais adaptável aos costumes vigentes e a modernização dos costumes e que talvez muitos cantariam:

- "Se esta rua fosse minha eu mandava ladrilhar com pedrinhas de brilhantes, só pro meu amor passar."

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO ESIO ANTONIO PEZZATO
Cadeira nº 31 – Patrono: Victorio Ângelo Cobra

Pelos instintos

Fervilha a mente, estalam-se as ideias,
A inspiração transborda mil sentidos.
Pomposo, o verso estruge em epopeias
Vibrando cintilantes, coloridos.

Como as abelhas tecem as colmeias,
Os versos chegam cheios de alaridos.
Unidos, lembram lindas centopeias
Andando em marcha nos jardins floridos

Cega, porém, a sentimentos tantos,
A inspiração engendra labirintos
E se oculta em cavernas, becos, cantos.

E a página de luz lembra áurea taça,
Mas contrariando todos os instintos,
A poesia é comida pela traça.

Flor e Poesia

Dentro da alma a Poesia às vezes brota
Tal como por acaso, uma semente,
Pelo vento, levada até uma grotta,
Desabrochando quase de repente.

Despercebida nasce e ninguém nota
Enquanto brota frágil, quase doente,
Que ela, se vendo perto da derrota,
Vence intempéries sob um sol ardente.

Um dia, forte e firme, e ela floresce!
E em seus encantos mil ela oferece
Um misto de perfumes recendentes.

E ao ir à primavera dessa vida,
Como a Poesia a Flor, descolorida,
Passa a lançar ao céu, novas sementes.

Busca

Procura a rima, a métrica, a cesura,
E em cada verso, a musicalidade.
E das palavras faz a sementeira
Para em glória buscar a Eternidade.

A Inspiração é impávida ventura,
E a estrofe vai compondo em ansiedade.
Doba o Sonho, e a Esperança fica pura,
E o poema brilha à espiritualidade.

Cada palavra é um sonho que flameja
E a mensagem no verso heróico brilha
Qual rutilante sol que tudo inunda.

E o Poeta em glória sua Musa beija,
Mas seu mundo é somente insípida ilha,
Onde a esperança geme moribunda.

Evolução

(para meu prezado Amigo Charles Darwin
após um final de semana na ilha de Galápagos)

Se na sublime evolução da Vida
Os fortes sobrepujam os mais fracos,
Nós somos hoje um sonho de partida
E para a perfeição – apenas tacos.

Ao longo da existência já vivida
Fomos formados por pequenos cacos.
Os ossos de uma estampa colorida,
Mostra o muito que temos dos macacos.

Amanhã por ventura aqui na Terra
Outra raça mais forte há de viver
Sabendo contornar trilhas e atalhos.

Porém que saiba dissipar a guerra,
Ou por certo ela irá retroceder,
E voltará a dar saltos entre galhos.

A Arte do Soneto

Na Poesia o Soneto é uma cadeia,
14 grades têm essa prisão!
E quando a inspiração a alma incendeia,
Busca-se a Liberdade de expressão.

Mas o Poeta na cadência freia
As borbulhantes bolhas do vulcão,
Na métrica a medida escanhoteia,
Na rima busca o brilho da paixão.

E o verso vai compondo em sua sanha,
Feliz, ele se molda à sua cela,
Que tem 14 passos de extensão.

Mas parece maior que uma montanha!
Cada verso é infinita passarela,
Onde reside o Deus da Perfeição!

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA IVANA MARIA FRANÇA DE
NEGRI**

Cadeira n° 33 – Patrono: Fernando Ferraz de Arruda

Pequena crônica para um grande pai

(Crônica publicada no Dia dos Pais)

Este é o primeiro Dia dos Pais que passarei sem a presença física do meu pai. Vai ser muito doloroso ver sua poltrona predileta vazia. Lá, ele assistia aos jogos de futebol que tanto gostava. Os chinelos ao lado, à espera de pés que nunca mais os calçarão. Os óculos, esquecidos na escrivaninha onde escrevia os verbetes para os livros “Aprendendo com o Voinho”. Um calhamaço de papéis com textos já prontos, que dariam para publicar pelo menos mais uns cinco livros, mas agora não têm mais razão para serem publicados.

A prateleira com os remédios, sempre tomados pontualmente - não esquecia de nenhum. Agora de nada valem, serão doados. Os porta retratos expondo os momentos mais felizes, dia do casamento, com filhos, netos e bisnetas. A geladeira ainda com as gelatinas que tanto gostava, enfim, tudo muito recente. Só o tempo poderá tirar essa angústia do meu coração.

Quando minha mãe faleceu, há 11 anos, num mês de julho também, a dor foi imensa, mas havia ainda um vínculo com a casa, ponto de reunião dos filhos, netos e bisnetos para visitar o Voinho, como era carinhosamente chamado. Agora, o vínculo se desfez. Casa fechada, um ciclo que se encerra. Pianos mudos, TVs desligadas, luzes

apagadas. Jornais que não serão lidos e correspondências jogadas sem que o destinatário as abra.

Eu nasci num dia 8 de agosto, e naquele ano, caiu no Dia dos Pais. Ele costumava brincar dizendo que eu fui o presentinho do dia dos pais que ganhou.

Mergulhando nas doces lembranças da minha longínqua infância, vem-me nítida imagem de meu pai, bem jovem ainda, vestindo impecável terno de linho branco, sapatos bicolores, cabelos escuros fixados com perfumada brilhantina. E eu, tímida garotinha, conduzida por sua mão, sentia-me poderosa, nada de ruim me atingiria, pois tinha a proteção de meu herói.

Quando à noite, os pesadelos infantis me atormentavam, ele me aninhava em seus braços e cantava lindas canções de ninar, e eu adormecia. O mundo lá fora poderia parecer aterrador, mas a presença do meu pai me protegia e eu me sentia forte para enfrentar o mundo. E eu fui crescendo e compreendendo quanto é grande o poder do Amor.

Foram décadas de convivência que a gente achava que nunca teria fim. Mas separações são inevitáveis e fazem parte da existência de todo mundo. Cada um chora a sua dor, o seu ente querido que partiu. Mas no fundo, todos guardamos a esperança do reencontro.

Neste dia de comemorações e homenagens, meu coração se enternece, agradecendo a Deus em preces o pai que me deu nesta vida.

Até um dia, papai! Vá ao encontro da sua amada, primeiro e único amor da sua vida, e esperem juntos por nós!

Poemas Voláteis

A poesia invade minha tarde morna,
cerceia meus sentidos,
torna-se música para meus ouvidos.
Tanto sentimento me sufoca,
enfarta meu coração
que se entope de versos
tresloucados, amargurados
brotando aos borbotões.
O sol se põe em hemorragias no horizonte
Meus versos asfixiados,
abortados antes de virem à luz,
são poemas mortos que jamais serão escritos
Liquefazem-se como chuva
e se espargem pelo infinito...

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO JOÃO UMBERTO NASSIF
Cadeira nº 35 – Patrono: Prudente José de Moraes Barros

Senhor Comendador

Pedro Paulo de Albuquerque e Lima nasceu no chamado “Berço de Ouro”. Filho do Coronel Pedro Albuquerque e Lima e Doralice Coralina Ayres Lima que constituíram uma vasta prole: 11 filhos.

Coronel Pedro era homem de muitas posses. Tudo contabilizado aos milhares: Cinco milhões de pés de café; 100.000 cabeças de gado; usina produzindo 10.000 sacas de açúcar. Para tocar tudo isso, praticamente criou uma cidade, formou diversas colônias. Eram casas destinadas a moradia dos funcionários e familiares. Ainda pequenos, todos os filhos dos colonos já trabalhavam. Coronel Pedro fazia questão em manter uma igreja, uma escola, um salão de festas e um cinema, modesto, mas que atendia os anseios dos moradores.

Distante da cidade mais próxima, cerca de 8 quilômetros, dispunha ainda de um armazém e uma farmácia além de ambulatório médico e um gabinete dentário. As despesas feitas no armazém e na farmácia eram descontadas do salário do funcionário que havia feito as compras.

Todos levavam uma vida simples e de trabalho. Eram muito felizes, reinava o espírito familiar.

Além de ser uma boa parideira, Dona Coralina era filha de família abastada, tinha por direito de herança, muitos bens. Estudou nas melhores escolas de Paris. Falava o francês com desenvoltura.

Mas, sabe-se lá porque, tinha um temperamento difi-

cil. As amigas, ou pessoas mais próximas, a chamavam de Madame Coral, ou simplesmente Coral. Um diminutivo de Coralina, ou segundo as línguas ferinas, uma referência a cobra coral!

A mulher era brava! Senhora da razão e da verdade! Era uma pessoa incontestável, ou seja, ninguém podia contestar seus desejos, caprichos e ordens. O Coronel era homem de brio, afeito a lide, só sabia engordar cada vez mais seu patrimônio. Sua preocupação era com as safras, pastos, gado, cotações. Um homem de negócios. Uma das suas irmãs, Jandira, tinha vindo para ajudar a cunhada Coralina em um dos partos. E acabou ficando. Tinha seu próprio quarto, era solteira, levava a vida que pediu a Deus. Era a única criatura que Coralina ainda tratava com civilidade.

Jandira, que tinha estudado como aluna interna em São Paulo, formou-se professora, profissão que nunca precisou exercer. Até que viu no sobrinho Pedro Paulo, as características ideais para um grande estadista. Tanto fez, que o pai mandou o menino estudar na Université Panthéon-Sorbonne - Paris 1.

Para Pedro Paulo, Paris foi uma festa! Jovem, carteira recheada! Só o deixava aborrecido era o "relatório" semanal que tinha que enviar à Tia Jandira! Uma semana não mandou, outra semana alterou alguns dados, em ambas as situações, sofreu a ameaça de voltar para casa imediatamente. Isso o mantinha na linha, embora não deixasse de divertir-se muito.

Curso concluído, o Dr. Pedro Paulo voltou para o Brasil. De maneiras educadas, muito elegante, porte atlético, arrancava suspiros femininos. Jovelina Assis Brasil de Almeida, uma jovem normalista, olhos negros, lábios como os de Iracema, olhar perturbador, arrebatou a paixão do jovem advogado. Para a felicidade maior seu pai era um conhecido industrial e banqueiro, Conde Brasil. Um título

que era dado a quem doava soma considerável a uma instituição europeia.

Radiante, Tia Jandira, estrategista nata, encetou o enlace dos jovens apaixonados. Tudo correu a mil maravilhas. Padre Carlos caprichou na celebração, os comes e bebes foram servidos à vontade, inclusive para os trabalhadores.

Tia Jandira entrou em ação, já havia preparado o menino para ser um grande orador, ainda criança, fazia-o subir em um caixote de madeira, e discursar. Dias a fio.

Ela tinha estudado todos os hábitos dos políticos populistas. Como agiam. Sempre estavam acompanhados de um secretário que tudo anotava. Gestos teatrais. Enfim tudo que o povo gosta de ver e ouvir. Promessas de pote ouro que jamais seriam encontrados. Mas para quem acredita ingenuamente em tantas mentiras, era só mais um fazendo a mesma coisa. Só que com maestria, técnica, tudo rigorosamente calculado. Uma produção digna de grandes estúdios!

Pedro Paulo, agora PP, como a imprensa o agraciou, aperfeiçoou-se. Tornou-se um Adônis com sábias palavras socráticas e forma de se expressar teatrais a exemplo de famosos atores populistas. Uma máquina de guerra. Vereador; Deputado Estadual Deputado Federal; Senador e ... Presidente da República! Gostou da coisa! Com habilidade conseguiu a reeleição. Reinou por oito anos. Perspicaz sentiu o piso escorregadio. Já tinha alcançado o Olimpo. Seu nome estava escrito nas galáxias!

Trocou sua Iracema por uma loirinha jornalista, com quem teve um filho. Atualmente Pedro Paulo mora em Paris, onde entre seus passatempos bebericá nos bistrôs franceses **Champagne Dom Perignon Vintage Brut**, uma das delicias francesas, a um custo módico de nove mil reais a garrafa. Segundo as más línguas, tudo pago, até mesmo

a chupeta do filho recém-nascido, com dinheiro vindo de LINS (Lugar Incerto e Não Sabido). Muitos juram de pés juntos que da sua fortuna pessoal não sai um centavo. Essa é a dura vida do Commandeur (Comendador).

É o justo descanso de quem lutou bravamente pela igualdade social em seu país situado do outro lado do Atlântico. O repouso merecido do guerreiro de palanque eleitoral. PP ainda mantém sua finura de maneiras, de procedimento, bom gosto, coroado por uma respeitável cabeleira branca que lhe dá um ar senhoril e respeitável. A loirinha jornalista está escrevendo a biografia do seu amado. Um serviçal xereta, confidenciou que nos últimos 10 anos ela já escreveu 19 páginas! Inconfessáveis!

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA LEDA COLETTI
Cadeira nº 36 – Patrona: Olívia Bianco

Falando um pouco da FLIP

(Festa Literária Internacional de Paraty)

Paraty dos rios Perequê-Açu e Patitiba, localizada na reta final do caminho do ouro, se abriga numa baía margeada por reservas da Mata Atlântica, com belas cachoeiras e nascentes.

A primeira vez que participei dessa Festa foi em 2007. Sempre vamos em grupos piracicabanos, que se interessam pela literatura. Desde então participei de quatro delas, onde foram homenageados os escritores nacionais: Nelson Rodrigues (2007), Oswald de Andrade (2011), Mario de Andrade (2015) e Lima Barreto (2017). Tal festa literária vem se consagrando cada vez mais no calendário internacional da literatura. A cada ano apresenta novidades e por esta razão, eventos paralelos circulam entre literatura, história, cinema, jornalismo, religião, meio ambiente, etc. Teve seu início em 2003.

Lembro-me com mais detalhes da última em que lá estive: 2017. Nesta, foram destacados o negro, o índio e outros grupos sociais marginalizados. Vários dos seus representantes puderam expor suas ideias, livros e trabalhos escritos.

Em todos os anos o público dentro e fora dos recintos literários é grande. Pessoas jovens, adultas e idosas se acomodam muitas vezes até no chão para ouvir, acompanhar de perto e também pelos telões, as palestras de escritores famosos.

No Centro Histórico de Paraty, uma avalanche de pedestres disputa espaço para caminhar nas ruas cobertas por pedras escuras de diferentes tamanhos, do tempo do Brasil Colonial (calçamento conhecido como pé de moleque e feito pelos escravos); nelas, somente circulam carroças, bicicletas e as charretes que conduzem os turistas interessados em fazer o "tour" pela cidade.

No último ano que participei- 2017- houve alteração dos locais para os auditórios e por falta de espaço, o interior da igreja matriz, N. Senhora dos Remédios foi reservado para os conferencistas, seus mediadores e pequeno público. Na praça, quase em frente à igreja, estava a tenda principal para o público assistir palestras e pelo telão acompanhar o que se passava no interior da igreja. Neste mesmo local nos anos anteriores apreciamos junto à Flipinha (Feira Literária Infantil), os bonecos gigantes brincando de pega-pega com as crianças, a Bela Adormecida assediada no seu sono pelas garotas curiosas, os Três Porquinhos parecendo perdidos na floresta, a casa de pau a pique, sede de uma improvisada fazenda. Tivemos oportunidade de apreciar peças teatrais, ouvir contadoras de histórias, ver o funcionamento de oficinas literárias infantis, abordando temas ecológicos, histórias de fadas, etc.

Caminhando pelas ruas de traçados irregulares, pudemos admirar as construções antigas geminadas dos suntuosos sobrados, com sacadas e telhados de beirais, contrastando com os das casas ao pé do chão e as igrejas de tantos santos: N. Senhora do Rosário e São Benedito, construída pelos e para os negros; Santa Rita, perto do cais, erguida pela Irmandade de Santa Rita dos pardos (mulatos) libertos, onde há um significativo museu de arte sacra: N. Senhora das Dores, que atendia à elite branca, principalmente as mulheres da aristocracia paratiense e a central, N. Senhora dos Remédios..

No Centro Histórico, há variedade de lojas, ambulantes, destacando-se alguns índios com seus produtos artesanais; os restaurantes, casas de lanches, barracas apinhadas de gente saboreando peixes, camarões, caldos, acompanhados de vinhos e bebidas picantes com nomes extravagantes. Algumas: capeta, sangue do capeta, caps-suruba etc.

De quando em quando interrompíamos nossos passos, para deixar a banda de música passar. Alguns não resistiam e a acompanhavam. Outros paravam nas esquinas, onde ficavam os poetas declamando, formando uma ciranda acompanhada de dança e música. Dela participamos lendo algumas de nossas trovas.

Nessa nossa última viagem para o local tivemos o privilégio de fazer um rápido passeio no barco "Embarque na Poesia", onde uma poeta portuguesa, moradora atualmente no Rio de Janeiro explanou sobre a vida de Florbella Espanca, Cecília Meireles e Fernando Pessoa, declamando lindos poemas desses autores. Também nos maravilhamos com as atrações de parte do Museu Itinerante da Literatura, vendo nos painéis um pouco da cultura dos povos que falam a língua portuguesa, especialmente a africana. Tivemos oportunidade de conhecer e usufruir de programação dentro da Flip, no Sesc; inclusive algumas ao ar livre.

Na viagem de 2007, no retorno almoçamos comida deliciosa num casarão de fazenda colonial, onde havia reminiscências escravocratas. De outra feita fomos até um dos quilombos próximos para conhecer um pouco dessa comunidade no seu dia a dia.

Assim passamos dias plenos de Literatura, num convívio gostoso e fraterno com grupos tão alegres e companheiros. Valeu a pena participar das festas de literatura anuais.

A poesia e a prosa contagiam a todos em Paraty!

Tesouros

Lendo uma notícia sobre uma jovem que morreu na décima cirurgia plástica, senti muita pena. Isso me fez refletir sobre as consequências de opções que priorizam a beleza física, sobretudo a feminina. Algumas mulheres desejam ardentemente a conquista de troféus que as engrandecam e confirmem que são belas. Eles marcam pontos para o "ego" se massagear e ficar cada vez mais orgulhoso.

Muitas pessoas acumulam dinheiro e se sentem felizes sobre o cume de suas montanhas douradas. Há os que colecionam objetos raros, carros de luxo, de corrida, cavalos, joias, etc. Não se importam em gastar parte da fortuna na aquisição destes, até mesmo em feiras, leilões internacionais. São exemplos de tesouros, para os quais os homens muitas vezes lutam uma vida inteira para atingi-los. Analisando-os, concluímos que, mesmo trazendo felicidade momentânea, não passam de bens materiais transitórios, que podem ruir facilmente, sob a ação de circunstâncias imprevistas.

Contudo, há um tesouro acalentado por uma minoria de pessoas e quem o possui, geralmente permanece no anonimato, não se vangloriando, nem mesmo tendo pretensões de ser imitado. Simplesmente deixa acontecer. É a sabedoria.

Os que a ele têm acesso não se prendem às vaidades terrenas e vãs. Trata-se de tesouro invisível e por isso mesmo impenetrável. Premia os seus possuidores com voos altos, que não se fixam no mundo material apenas, mas buscam o infinito, sem aspirar honras e ostentações. Ele ajuda a esculpir e lapidar o que o homem tem de mais precioso: o seu interior. Faz bem a quem o possui e aos que têm a sorte de com ele conviver.

Podemos estabelecer diferenças entre o inteligente comum e o inteligente sábio. Enquanto o primeiro tenta alcançar seus objetivos e resolver os problemas, não se importando com meios lícitos ou não, o segundo procura viver o que o promove como ser humano, em benefício próprio e dos outros. Este tesouro, o único verdadeiro, muitos o desconhecem.

Diria que por nossas limitações pessoais, culturais, religiosas e outras, deixamos de vivenciá-lo e assim perdemos a oportunidade de usufruí-lo. Nos dias atuais, como seria bom se viesse à tona! Com certeza não haveria tanta violência, destruição nos lares, nações e os homens encontrariam a Paz.

Vida vã

Por que tanta ganância,
tanta luxúria,
luta pelo poder
pelo querer,
se um dia
teu corpo
ficará só
virará pó?

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA LÍDIA SENDIN

Cadeira nº 8 – Patrono: Fortunato Losso Netto

Atreva-se*“A verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo”*

MERLEAU-PONTY

Atreva-se, se os perigos o fazem fugir,
Da luta diária que é o nosso viver,
Tentando entre eles saber distinguir
Entre o que é fatal e o que dá mais prazer.
Pois passar pela vida sem ter vivido,
Sem medo, sem choro, sem adrenalina,
É ir tão devagar e com passo contido,
Que se perde o melhor que a vida ensina.

Atreva-se, e mude o que tem na cabeça.
Faça pontes quando o seu rio é profundo,
Procure fazer com que o sonho aconteça
Vendo as belezas que ainda existem no mundo.
Se nunca consegue dizer o que pensa,
Guardando a tristeza e a alegria consigo,
Procure falar o que não for ofensa
E possa afastar quem será seu amigo.

Atreva-se, se o mar for escuro e agitado,
Se a onda for grande e não der pra passar,
Procure o amigo disposto ao seu lado
Que lhe dê a mão e o ensine a surfar.
Se o caminho que faz vai sempre pro norte,
Experimente também andar para o sul,
Talvez lá esteja escondida sua sorte,
Entre ondas suaves do mar verde-azul.

Atreva-se deixando algumas pegadas.
Deixe aqui suas marcas nesta passagem,
No futuro, talvez, elas sejam lembradas,
Contando sua vida e sua coragem.
O mundo é feito de pequenos gigantes,
Que lutam, trabalham fazendo mudanças,
São os imprescindíveis, os mais importantes,
Os que correm os riscos e têm esperanças.

O dono da vida

Sendo o homem que planta e que rega
O alimento que tem pra comer
E a mulher que no ventre carrega
A criança que espera nascer;

E orgulhosos do que tudo sabem.
Esses homens que lançam a semente,
Ou então elas quando em si concebem
Novo ser a crescer em seu ventre.

Mas se o sangue que corre nas veias
E o caule que conduz rica seiva,
Parecem tudo a vida trazer,

Não se enganem mortais criaturas,
É preciso ler nas Escrituras
Que é só Deus quem faz tudo viver.

Uma rosa para Anastácia

Todas as manhãs, quem passasse pela casa simples, mas florida, de Anastácia, poderia vê-la cuidando de suas rosas. Eram sua alegria e seu sustento. Por isso a primeira manhã em que ela não foi vista espantou alguns, mas depois de algumas manhãs sumida e das rosas secando no jardim, o espanto virou preocupação. Então, entraram na casa.

Lá estava Anastácia, deitada, pálida, mas plácida. Face serena, talvez até um meio sorriso. Do que zombaria aquele rosto?

Depois da primeira comoção, todos se reuniram para providenciar o enterro de Anastácia. Corre daqui, corre dali, não foi encontrado nenhum parente. Algumas beatas então se dispuseram a fazer o funeral, depois de devidamente comprovado que não houvera suicídio.

Ela, a humilde florista, que providenciara cor, perfume e alegria para as festas da cidade durante meio século, merecia um funeral respeitável, um bom caixão, uma bela missa, muitas lágrimas, um túmulo digno e lindas rosas cobrindo seu corpo... Silêncio geral, entre olhares, cochichos e gente saindo de mansinho...

A verdade era que, acostumados com as Rosas da Anastácia, ninguém jamais plantara uma roseira naquela cidade e não havia uma única rosa para acompanhar Anastácia rumo ao seu eterno jardim celestial.

Afinal, quem passa?

O conselho mais usual sobre o tempo é que ele passa rápido e é preciso utilizá-lo com sabedoria antes que ele

desapareça e agarrá-lo no momento certo, no instante exato, senão ele passa e a ação se perde trazendo insucesso à vida. Mas vida e tempo se entrelaçam de tal maneira que é difícil dizer quem é passageiro e quem conduz, sendo assim, um leva o outro pela eternidade. Um carrega o outro da mesma maneira que o espírito leva o corpo, aí também não se sabe quem leva quem.

A verdade é que o tempo, seja ele oportuno ou cronológico, é motivo de conjecturas desde há muito tempo. Salomão já dizia que para tudo há seu tempo, hoje o homem não encontra tempo pra nada, ou melhor, quer fazer tudo ao mesmo tempo.

Histórias da Idade Média contam de hereges que perguntavam o que Deus fazia com o tempo antes de criar os céus e a terra e o clérigo rigoroso respondia que ele criava o inferno pra mandar os infiéis passarem um tempo lá... Já Agostinho discordava, se o tempo não existia, Deus passava o tempo criando o tempo! E nós, pobres criaturas, ao contrário, quando não temos o que fazer, matamos o tempo!

O tempo, ou a falta dele, não poupa nem os santos, tantos eram as pessoas que procuravam os apóstolos, que o próprio Cristo chamou-os para que descansassem no deserto, pois "não tinham tempo nem para comer".

Enfim, a temporalidade do ser humano, no hoje, no amanhã e no que já passou e seu inevitável ser-para-morte, também é motivo de debate e de proposições filosóficas de todos os tipos, marcando a ferro com o estigma de sua passagem a todos nós, enquanto buscamos um sentido para o ser. A filosofia é uma boa aliada quando não se quer chegar a nada.

Eu e as minhas perplexas dúvidas matamos o tempo juntas, não sem certo temor e tremor em pensar que o pacote vida-tempo nos assombra com a pergunta que não quer calar, afinal quem passa?

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO LUCIANO MARTINS VERDADE
Cadeira nº 12 – Patrono: Ricardo Ferraz de Arruda Pinto

Cidade dos mortos

O sol se põe na cidade dos mortos
em meio a pequenos morcegos invisíveis
e o grande ipê enraizado entre sepulturas.
Cada um de nós deixa um pouco da própria vida
em seu caixão, agora tristemente fechado,
sem ainda se dar conta
de que o vazio que você deixa
vai se encher de suas lembranças
e daquilo que os mais experimentados em morte
chamam de uma saudade gostosa.
O filho ausente,
o filho presente,
a filha que já sofre, de tão perto,
o outro filho, que se fecha para não sofrer.
Nascer dói,
viver dói,
morrer, não sei...
Viver, surpreendentemente, não nos ensina o que é a vida.
Morrer, talvez...
Porque a morte é sua ausência onipresente
na vida de quem fica,
seu silêncio ensurdecador
num domingo ensolarado.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA DE LOURDES PIEDADE
SODERO MARTINS**

Cadeira nº 26 – Patrono: Nelson Camponês do Brasil

Resgate “Da Alma Adormecida”!

Batizei por “Oração”, minha primeira arte/estampa! Consegui, a partir de uma gravura, criar uma imagem, compor uma “carta”, ou seja, um cartão da espessura de um papelão, de 20 por 13 centímetros, tamanho pré-estabelecido para o qual transpus o que meu coração “ditava” naquele momento...

Trata-se de um curso de autoconhecimento, mais precisamente, “SOULCOLLAGE”, idealizado e proposto por uma Educadora americana, pesquisadora, mestra e terapeuta, dra. SEENA FROST, cuja aplicação de teor convincente e aceitação imediata, pelo nível do conteúdo preciso e objetivo claro, obtive valioso retorno nos Estados Unidos e em outros países. (SOUL = alma; COLLAGE = colagem)

É um processo criativo que acontece de forma intuitiva e provoca uma experiência única a partir da colagem, aparentemente uma simples “brincadeira artesanal”... Sob a orientação de especialistas, denominadas “Facilitadoras”, o referido curso oferecido agora, aqui no Brasil, tem como objetivo acessar o inconsciente, isto é, a sabedoria interior, muitas vezes guardadas a “sete chaves”! O resultado é fantástico! Posso afirmá-lo por experiência própria e descrevê-lo sem dúvida ou constrangimento.

Tive a oportunidade e grande satisfação de me ins-

crever para um curso de Soul Collage aqui em Piracicaba com a especialista Professora Maria Estela Monteiro, Pedagoga, Psicóloga, mestra em Filosofia, Analista Junguiana, Facilitadora qualificada para ministrar e orientar os participantes. O ambiente sonoro, preparado com esmero e criatividade, a arte da imaginação solta e feliz, presente na decoração de cada recanto do harmonioso e cativante espaço da aconchegante sala, permitiram aos presentes uma sensação plena de paz e bem-estar, levando a todos ao relaxamento natural, espontâneo e propiciando indescritível encantamento. Pura sensação de transcendência, decorrente da entrega consciente e desejada para a meditação sedutora e prazerosa, sob a orientação da referida mestra

Todos prontos e ...enlevados após o ritual meditativo que nos preparou para a absorção do rico conteúdo a ser estudado, compreendido e interiorizado. Após a explanação introdutória, o estudo e a discussão dos temas propostos através de leituras programadas de textos ilustrados e alusivos ao curso em questão, fomos preparados para a parte prática e a feitura das Cartas do "Baralho da Alma".

Por sorteio, entrega aleatória, o tal envelope grande e vermelho oferecido entre tantos outros (num enorme e belo tacho de cobre!), foi escolhido por mim, ao acaso... Ao abrir o envelope deparei com "um pé"! Explico: a gravura de um pé, o esquerdo, sendo massageado por sedosas e bem torneadas mãos. Surpreendi-me! Entre tantos envelopes, por que justamente aquele veio ao meu encontro?

Indaguei-me pensativa e curiosa... Que relação aquela gravura teria comigo naquele momento?

Lembrei-me, emocionada! Na noite anterior, ao orar com meus netos recostados ao meu lado, enquanto meditávamos, segurei o pé esquerdo do Gabriel. Comecei a acariciá-lo pensando: (o que repeti para ele, em seguida)

– Como seus pés se parecem com os do seu avô Paulinho! Que semelhança incrível! Parece-me que ainda estou a acarinhá-los!...

Senti doída saudade de tantos momentos!... Dos Pés?! Sim! Daqueles pés que sabiam dar afetuosos e inesperados beliscões. Dedos mágicos, atrevidos e silenciosos que seduziam deliciosa e suavemente! Herança materna! (sua mãe conseguia surpreender aos filhos dando-lhes afetuosos/severos beliscões!)

Ah, os genes que trazemos e não sabemos de quem... Ou sabemos?! Não importa! Alguns são dominantes, persistentes!

Voltando aos pés... do meu neto e... do meu amado... Pés bonitos, bem torneados, ágeis, de bela postura! Ah, as tocantes reminiscências!

Bem, terminadas as orações e os beijos de boa noite, carreguei noite adentro, aquela imagem auspiciosa; outra, bem vivida, dessa vez, afetuosamente revivida na figura de um descendente...

Como poderia imaginar que, após aquela lembrança noturna receberia exatamente, no dia seguinte, ao primeiro encontro do curso em questão, ou seja, SOULCOLLAGE, a gravura de um pé para ser “estudado” e recortado para compor a primeira carta do meu “Baralho da Alma”?

Heranças genéticas, afetos e amores vividos, fatos inesperados a nos envolver no cotidiano, certos possíveis “distúrbios” a driblarem nossa emoção, por outro lado, felizes conquistas sonhadas, inesperadas a propiciar o sabor da vitória; tudo isso nos leva a um enigmático pensar: a complexidade da vida e a inigualável beleza da sua existência indefinida, seu estágio terrestre e o deslumbrar contagiante dos efeitos espirituais em cada criatura!

Enfim, nosso Ego a exercitar cada instante vivido

a cada pulsar do nosso corpo transitório desejoso de resultados satisfatórios, "premiados" e benéficos. Felizes os providos de fé, encorajados pela confiança em uma força maior, gratos pelas heranças afetivas e genéticas.

Assim caminha a Humanidade!

Nossas raízes!

(Os antigos "passeiam" em nosso sangue!)

Ancestrais! Bravos guerreiros! Antecessores únicos!
Ímpares flores humanas a desabrochar a espécie alerta!
A explosão dos genes em festa a garantir as gerações,
proclama a liberdade num vai e vem definido
na arte prescrita por Deus:---"Fazei AMOR pró-criação"!

O que nos foi ofertado através de antepassados
bem comprova a linhagem e nossa tradição!
Ficará sempre gravada, nos semblantes,
traços, gestos, a fiel herança genética.
Sem dúvida ou preconceito, isto é perpetuação!!!
Os genes herdados por nós, permitem a sobrevivência;
serão passados adiante e seremos ascendência!!!!!!!!!!!!

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARIA HELENA VIEIRA
AGUIAR CORAZZA**

Cadeira nº 3 – Patrono: Luiz de Queiroz

A falta do encanto e do aconchego

Absolutamente, não é questão de romantismo, nem babaquice. É questão de conscientização pela omissão, mesmo. A atrapalhação de tanto assunto que existe nos envoltimentos da vida atual, sobretudo os da mídia, relacionamentos e dos inúmeros meios de comunicação, dos enfoques tantas vezes ilusórios e passageiros com movimentos e questionamentos perturbadores tal a quantidade que se apresentam, estão deixando o ser humano aparvalhado e despercebido do que realmente se faz necessário para poder curtir a Vida, pois, tudo isso acaba criando uma ansiedade, uma insatisfação na busca atormentada das ilusões, ou um desenfreado pelo novo ou desconhecido, que acaba levando tudo para amarguras e carências quando não, em decepções muito malélicas e até fatais.

Tudo falta de mais atenção cansada de implorar, nesse tempo tão ignorado que, de tanto esperar vai ficando morno, desinteressante, até chegar a ser indiferente (um “tanto faz, como tanto fez...”) acabando por murchar tal flor não regada que acaba por definhando e morrer, ou pior, ficar fria e desencantada... Um desperdício de emoções frustradas, enfim.

O tempo passa muito depressa, a vida vai acontecendo, a distância separando e o mundo precisando de mais envolvimento uns com os outros, de gentilezas e mais acolhimento, esta é a verdade! As pessoas estão “com fome de pão e de amizade” como disse Madre Teresa de Calcu-

tá, e, andam transpirando necessidades, as mais simples e modestas que sejam, gestos cordiais e agradáveis, contanto que existam de fato e se concretizem. "Mas é preciso ir à procura dessas pessoas"! Estagnação, inércia nas ações, egoísmo ou braços cruzados apenas "vendo a banda passar" já não consertam nada neste mundo que se torna dia a dia mais sofrido, violento, insatisfeito e desastroso.

Faltam sim muito mais afago, diálogo e abraços nas famílias, isto é, de pais para os filhos e de filhos para os pais! Falta o "escutar" paciente, o olhar carinhoso e não só o de censura ou repressão. Falta sim aumentar a quantidade de amigos e mais reuniões frequentes e sinceras com eles, para saber da vida e dos problemas de cada um e, em conjunto tentar encontrar as alternativas e soluções de seus temores e apuros e também, para conversar e se envolver com histórias, fatos e passagens engraçadas que possam advir com os contatos. Falta sim, o interesse pelas tristezas do "outro", geralmente advindas do desgaste de dificuldades contínuas tão destruidoras de quem desacreditou de tudo de tanto batalhar e bater na mesma tecla, sem conseguir um pouco pelo menos dos seus anseios ou objetivos. (E, é inteligente lembrar que, com o passar da Vida urge estar muito atento e ativo aos verdadeiros "amigos...").

Hoje o que existe em grande proporção é uma falta de paciência e uma estupidez de comportamentos inacreditáveis! Todo mundo gesticulando e berrando como feras desorientadas, caras emburradas e descontentes... Um horror! Típico de pessoas mal amadas com ausência de encanto pela vida e carência de usufruir um afago, um aconchego... É preciso mudar esse clima de descontentamento, má educação e impaciência crônica, coisas já tão comentadas no convívio da sociedade em geral, daí, tomar mais consciência por mais carinho e consideração ao outro, e, quem sabe a convivência deixaria de ser um fardo tão pesado, assim.

**COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MARISA AMÁBILE FILLET
BUELONI**

Cadeira nº 32 – Patrono: Thales Castanho de Andrade

Só pra variar...

Sabe de uma coisa? De pensar morreu um burro. E a dialética obrigatória me cansou. Parei de pensar. Penso pra falar. Em boca fechada não entra mosquito. Além do que, quem fala o que quer ouve o que não quer. Uma amiga dizia sempre que quem fala muito dá bom dia a cavalo.

E como pra bom entendedor, meia palavra basta, fica o dito por não dito. Fico na minha, assim, tipo cada macaco no seu galho. Melhor enfiar a viola no saco e tirar o cavalo da chuva? Sempre chega a hora de a onça beber água. Ou a tal hora H, seja ela qual for. Adoro essa tal “hora agá”.

A gente ia sair de viagem e meu pai dizia que devagar também chega. Devagar se vai ao longe. Para que pressa? O apressado come cru. Aonde vamos? Tirar o pai da força? Não. Então, muita calma nessa hora. Mas sabemos que quem chega primeiro bebe água limpa.

Não adianta muita plástica. Pobreza e cara feia não se escondem. Pior. Quem tudo quer nada tem. Ter ouro um temor, não ter uma dor. E é assim, melhor um pássaro na mão que dois voando. Mas, ah, se uma vaca voasse!... E no voo da vida, uma andorinha só não faz verão.

Eu diria que as coisas estão mais prá lá do que pra cá. Seja o que isso queira dizer e a que situações se apliquem. Vemos coisas do arco-da-velha. Tem hífen? Tem. Vi no Google. Não gostei da reforma ortográfica que tirou o acento agudo da flexão “pára”, do verbo parar. Veja só:

João para para pensar. Tem de haver o acento no verbo "pára". Houve um equívoco ali. Também a retirada do trema deixou a linguíça esquisita. E Anhanguera ficou triste...

Quando alguém dizia algo que queríamos rebater ou contradizer, dizia-se: o escolaro da vó! Ainda não consegui entender direito o que seja este "escolaro". Espero que não se trate de nenhum palavrão, pelo amor de Deus!

No reino das palavras e das coisas encantadas, meu reino por um cavalo. Por uma paz maravilhosa dentro de casa, ouvindo estrelas noturnas no céu da minha vida! Mas sempre há algo de podre no reino da Dinamarca e há algo de podre na terra brasílis, que foi preciso mesmo lavar a jato toda a corrupção vergonhosa. Nadaram de braçadas. Esqueceram-se de que mais vale boa nomeada do que cama dourada. E que caixão não tem gaveta, seus ladrões!

Temos de tomar cuidado com as palavras, pois o falar é prata e o calar é ouro, dizia tia Olga. As pessoas de antigamente sabiam dizer ditados bem ditos na hora certa. Quando um burro fala o outro abaixa a orelha - e ríamos muito ao ouvir tio António proferir a maravilha.

Em certos momentos, a negativa é necessária. Nem que a vaca tussa, sabemos bem. Até quebrando um galho aqui e ali. Dando a volta por cima, sacudindo a poeira. Pão pão, queijo queijo. Sobretudo se temos o queijo e a faca na mão. E para trazer um pouco de romantismo a esta conversa fiada, lembro que macarronada sem queijo é como namoro sem beijo.

Ah, Deus Pai! Tem dias que só temos mesmo vontade de dar uma passadinha de vassoura na casa, mas só ali onde o padre passa. E está muito bom. Sem desfazer de ninguém e se aplicando à situação específica, pra quem é bacalhau basta.

Sobretudo, ninguém vive num mar de rosas, repetia minha mãe. E que vestir a carapuça, às vezes, é a melhor

coisa que alguém pode fazer. Porque nada fazer é fazer mal. Isso pode ser também entendido como dar um tapa com luva de pelica e agir quando necessário.

Nos dias de hoje, a indignação nos levou a querer mostrar com quantos paus se faz uma canoa. Ou a ditar que quem não tem competência, não se estabeleça. Não se aliste. Ou não se candidate, por favor.

Bem, mas disse o escritor Oscar Wilde que "a vida imita a arte muito mais do que a arte imita a vida". E nós queremos nos casar com o príncipe, ou com a princesa, do conto de fadas e sermos todos felizes para sempre. Fala sério.

Vou parando, senão a coisa vai longe. Mas se você, leitor, tiver um dito espirituoso e belo, por favor, enriqueça esta nossa prosa sem eira nem beira!

Hormonal

Agora
agora que as asas se abriram
para onde voar?

Agora
agora que entendi o que é pecado
o que pecar?

Agora
agora que falo com Deus
o que rezar?

Agora
agora que uso o que tenho vontade
o que usar?

Agora
agora que o barco me espera
não quero embarcar

Agora
agora que o baile acabou
eu quero dançar

Agora
agora que o sol se apagou
eu quero brilhar

Agora
agora que a vida adormece
eu quero acordar

Vida ingrata

Ó, vida ingrata

Uns a fazem
tão metódica

Outros se aventuram
e se dividem
na dízima periódica

Ó, vida ingrata

Não seria mais fácil
viver na conta exata?

Um quociente único
não seria mais bonito
do que aqueles algarismos frios
em série, no infinito?...

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA MYRIA MACHADO BOTELHO
Cadeira nº 24 – Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela

A difícil tarefa de escrever

Escrever é um ato sério. A passividade de uma folha em branco esconde armadilhas e comprometimentos. O que se fala é efêmero, mas aquilo que se imprime e se fixa exige reflexão, ponderação, cuidado, sobretudo conhecimento e apuro. O dever de informação e formação do escriba é vário em todas suas modalidades e não pode ser prejudicado pelo sectarismo- uma forma intransigente e apaixonada de dizer as coisas como se estas fossem certas e infalíveis, isto em se tratando de jornalismo. Ninguém é dono da verdade, contudo, podemos esforçar-nos para aproximar-nos quanto mais da veracidade que se constrói no repúdio a toda forma duvidosa, em que as fontes possam ser falsas ou mentirosas.

O trabalho de quem escreve é silencioso, sofrido e obscuro, nem sempre valorizado devidamente, tratando-se do escritor ficcionista e criador; são pequenas as consolacões, exceto aquelas, parafraseando o poeta, anônimas e sem raízes, recebidas como bênçãos, “um repouso ao cansaço, um pouco de modéstia aos mais felizes, um pouco de bondade aos mais perversos.”

Nos tempos que correm, o texto da era digital é veloz, cria cenários de comunicação planetária, uma revolução que muitos chegam a considerar como a morte da palavra escrita, e conseqüentemente o fim da arte literária. Em meio a esta revolução, surgem fatores desgastantes em detrimento do que se poderia considerar uma preocupa-

ção maior e mais cuidadosa para com a comunicação escrita. O descaso com a língua e a sintaxe, o estilo e a forma, uma superficialidade sustentada e revigorada pela tecnologia fácil, criou uma improvisação que ameaça desbancar o esmero, o cuidado e o esforço dos bons esgrimistas da palavra e as características indispensáveis do verdadeiro escritor. Para tudo, é necessário o preparo, o embasamento da leitura e do conhecimento e, logicamente, o talento; acredito, contudo, que essa fase terá um fim, a bem de uma sobrevivência que, forçosamente, vai acontecer.

Expressando suas experiências e introspecções, dentro de seu próprio mundo, o bom escritor tem uma responsabilidade social, imposta pela qualidade inata da inteligência e do engenho natural. No ambiente onde vive, dentro de sua comunidade, sua tarefa é a de entregar a realidade nas mãos dos leitores.

Neste terceiro milênio, à sombra de todas as convulsões ocorridas no século passado, que muitos consideram o pior de todos os que o precederam no terreno da violência, das guerras, das lutas de classes e conflitos raciais, dos desregramentos morais e sexuais, sobretudo do materialismo sem Deus e contra Deus, as conquistas tecnológicas e científicas, estranho paradoxo, levaram o ser humano a regredir no terreno espiritual. Homens e mulheres desarmonizaram-se interiormente, sem saber o que fazer de si mesmos. Rompendo o próprio equilíbrio, rompeu-se em consequência, o equilíbrio ecológico e a estrutura da sobrevivência no planeta.

O gosto pela boa leitura, o aprofundamento, o mergulho no vastíssimo oceano das idéias e da reflexão que tantos benefícios podem trazer ao conhecimento humano e aos relacionamentos, aprimorando o comportamento subjetivo e, conseqüentemente, a contribuição qualitativa exte-

rior, vêm cedendo espaços para a superficialidade medíocre. Os bons escritores escasseiam e já integram o quadro das exceções.

Por toda essa desordem, temos de admitir, somos responsáveis, estamos no mesmo barco, e com ele afundaremos ou emergiremos.

E o escritor? Deverá ele alienar-se e retirar-se, ou ainda restringir-se e comunicar ao mundo somente o lado amargo, cruel e triste de suas observações e experiências? Ou procurar suavizar a realidade, dourando-a com o tênue manto do sonho, da beleza e da fantasia? E no terreno mais doméstico, dentro de suas pequenas fronteiras, no restrito raio de alcance de seu trabalho inglório e de resultados relativos neste país tão dividido, em que o humilde escriba do interior representa tão pouco ou quase nada, sem apoio ou incentivo, deverá ele insistir ou fugir? Cremos sinceramente que não.

Uma vez que as distâncias se encurtaram e as preocupações passaram a ser igualmente comuns; uma vez que a reciprocidade se tornou mais próxima e possível pelos meios de comunicação, é dever continuar e contribuir com a pequenina parcela que lhe cabe.

A literatura sempre será o instrumento mais sensível a serviço da criatura humana, além de ser um fator de unidade e ajuda recíproca. Em contacto com os acontecimentos mais próximos e nessa mútua relação, a voz do escritor no seu idioma nativo deverá ser a força que agrega, une e preserva o espírito de uma comunidade, de uma nação. Partindo das próprias experiências e identificações, e devagar, se começa a trazer na própria direção o que acontece pelo mundo.

Poetas, ficcionistas, jornalistas, historiadores e pensadores, quem senão estes, providos de sensibilidade e

daquela indefinível chama de sensação intuitiva aliada à competência, poderiam ser melhores vigilantes da vida que pulsa ao redor, com toda sua pungência, seus acertos e fracassos, decepções e desencontros, com toda sua maravilhosa e doce utopia? Com toda sua memória preciosa e indispensável para ser legada aos jovens e servir de arrimo aos mais velhos?

O escritor é a testemunha de seu tempo. Pequeno ou grande, ousado ou tímido, na primeira frente ou na retaguarda, não importa. Com ímpeto ou doçura, carregando nas tintas ou suavizando-as, usando a palavra de forma envolvente e musical, ou tonitruando-a como imprecação, criando e dando vida eterna aos arquétipos imortais de tantas obras-primas, capazes das revoluções da alma e do mundo, plenas de um conteúdo inovador ou transformador- eis a força da palavra que nenhum computador e nenhuma revolução digital poderá substituir com igual amplitude, benefício e confiabilidade.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO NEWMAN RIBEIRO SIMÕES
Cadeira nº 38 – Patrono: Elias de Melo Ayres

Serenata

E eu que só tinha doze anos,
adivinhei que nunca mais veria lua assim.
Por isso é que me comovem pouco os luares:
tenho um dentro de mim que nada pode vencer.

JOSÉ SARAMAGO

Na minha vila
és a mesma Lua
que banhas outras ruas
deste mundo mu(n)do.
Mas na minha vila
uma melodia
ligou teu chão
ao meu coração.

Lua,
que vagueias sem voo
como uma pedra de sal,
banhada de Sol,
dependurada
no vão do vazio sem varal,
lua-me.
Lua-me,
ovo prateado
ovulado no
escuro do útero cósmico.

(h)ouve(s) o som
inundando o silêncio?
lua (ex)orbitante,
lua-me (ur)gente,
nesta rua onde caminho,
estranho e estrangeiro,
e comove-me os ouvidos.

Não quero a aridez da Lua,
nem o silêncio da madrugada
e nem o úmido nos meus olhos,

quero o luar,
quero a música,
quero um olhar.

Tédio

O sino da igreja
rola as horas torre abaixo
e o cheiro de tempo
gruda nas paredes,
nos muros,
nas ruas nuas,
nas calçadas e
nas pessoas mal amadas.

Um ar de tristeza
exala dos corpos
que se deixam tocar por esse tédio.

As cores do poeta
(para Thiago de Mello)

o poeta
 o oficiante
 o feiticeiro
no ritual das bênçãos
das coisas profanadas
eleva
 (como hóstias litúrgicas)
palavras promotoras de milagres,
plantando, na escuridão,
uma semente de fogo
para que o Homem tenha
direito a árvores, rios e passarinhos

a linda lenda
da Mãe d'Água
 doce amor
 do mar doce
acalma tua alma
na alma calma do Alamazonas

um perfume de rios
e de florestas úmidas
inunda tua alma
e transbordam, em versos,
vozes com asas e raízes
 numa lição vegetal
 feita de poesia

sons verdes e azuis
enchem tua boca de poeta
pois tua alma
carrega cores
 das matas,
 dos rios,
 das araras

trazes em ti
todas as cores de que,
em mistura,
se faz o branco de tuas vestes;
úmidas de paz,
tingidas de canções indígenas
e de sons de ventos carinhando buritis

e,
na brancura
dos cabelos,
das vestes soltas,
da alma pura e
do sonho utópico de uma justiça justa,
teu canto não deixou a liberdade
esmorecer em pleno voo

Thiago,
qual a espessura
desse tempo
que te envolve?

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA RAQUEL ARAUJO DELVAJE
Cadeira nº 40 – Patrono: Estevam Ribeiro de Souza Rezende

Cantares de Travessia
(... continuação)

VI

Naquela mesma noite, à luz da lua,
Embevecia todo meu espírito.
Das provisões agora, que usufrua,
A última porção que deposito,
Ao bardo triste, que o oceano acua.

Seguramos fatia em nossa mão,
Com esmera função de dividir,
Era um anjo luz que comia o pão,
No brilho dos meus olhos a sorrir,
Da sua minha fome de ilusão.

E bebeu toda minha água, contudo,
Eu não fiquei com sede e nem com fome,
Dormi um sono intenso, surdo e mudo,
Teu olhar, em meus sonhos, baila e some,
Deixando uma fragrância doce, em tudo.

VII

O céu era um pedaço de granito,
Acinzentado escuro, a desabar...
Naquela manhã, meus olhos aflitos
Abriram-se, com um vento a urrar
Aos meus ouvidos, um urro maldito.

E ao meu cansado barco, resistir,
Era a missão mais árdua que já teve.
Outrora a navegar num ir e vir
A tempestade sempre se conteve...
Porém agora, meu barco a ruir.

Tempestade de mim a que consome,
Todas as forças que consigo ter...
Remendei com agulhas a fé ao nome,
Tentei a fúria dos ventos vencer...
E pelo mar vai meu barco que some.

VIII

E naquele momento eu via o mar,
Que mais parecia um gigante em fúria,
Eu e meu barco, sozinhos a enfrentar...
Como se não bastasse da penúria,
Como se não bastasse do lugar...

Agora a tempestade que me leve!
Nem anjos nem demônios me acompanham,
Em altas e zangadas ondas devem
Soltar-me das amarras que me estranham,
De tão intensa vida, porém breve.

E na fúria dos ventos a romper,
Deliram-me lembranças de um amor,
Que deixei ao partir, ao anoitecer.
E minha alma é tomada por tremor,
Da tempestade que forma em meu ser.

IX

Abri os olhos... Ouvi triste lamúria
Dos ventos, que trazia todas dores.
À minha volta, dantes era fúria,
Bravos vendavais, tão assustadores
Da minha caminhada árdua e espúria.

Vejo que meus cansados olhos ganham
Novas paisagens, verve colorida.
E de frutas que minhas mãos apanham,
Por onde se vê a vista tão florida...
Meu anjo no mar... meus olhos estranham.

Tomou conta de mim grande temor
Ao ver meu anjo ali desfalecido.
Quando bramia o vento em seu furor...
O anjo que blasfemei ter me esquecido,
Dava a vida por mim, por puro amor.

X

Caminho em pedras... Nem tudo são flores.
Que ainda digo, que quando pisavam
Meus pés, nas mornas águas de pavores,
As cores do arco-íris, céu riscavam,
Num paradoxo de curas e dores.

Aproximei-me, vi anjos de partida,
Um corpo debruçado luz na areia,
Entendi que meu arcanjo já era ida,
E de um céu reluzente que clareia,
Minha escura alma, só... e padecida.

Deveria jamais ser permitido
Que um ser humano enterre seu anjinho,
O meu franzino arcanjo, tão querido...
Seguro-o em meus braços e acarinho
Teus cabelos... em meu peito dorido.

(continua...)

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA SÍLVIA REGINA DE OLIVEIRA
Cadeira nº 22 – Patrono: Erotides de Campos

Madrepérola

Escamas neste céu de mar
branque...prate...aureando
orla da tarde vindo noite
num véu de muita nuvolinha

Cenário vário em tons pincel
e gorda lua travessada
por fina sombra uma única
d'encantos cheia e luzinhas
: transiludida madrepérola



Des / Conjuntura

- De quando vez e outra
o conjunto se desarruma
entorta desalinha...
e quanto a balançar sem rumo
se põe a alma da gente

- De quando nova/mente
o conjunto se arruma
combina conjumina
e quanto a balançar no prumo
se põe o coração do mundo

Saudade

Vamos agora ao que interessa
- a saudade -
aquela saudade boa
que o vento traz, que pouso à toa
suave descansa os sentidos
acalma o coração
depois vai e voa...

Uma saudade boa e doce
- não aquela de perda, de dor
mas a dos tempos bons
das lembranças tantas...

Saudade como pássaro fosse
a cantar o que interessa à alma
a entoar sem pressa
aquele que é o en/canto
sublime e perene do amor

Toda poesia tem um pouco de França

Dedicado à Elaine Parra

Toda poesia tem um pouco de França
que n'alma dança e pula
num ulalá *très chic*
fazendo biquinho criança
oui, merci...

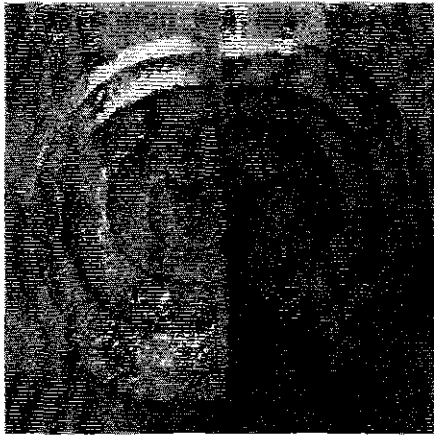
De França toda poesia
tem um pouquinho
quando passeia avenida
pelos *elysées* e *champs* além -

poesia que tem
um quê de esperança
saboreando da vida
o *crème* e seus *brûlés*
um pouco de França
toda poesia tem

Purple-Onion Love

Dedicated to the poet and partner, Irineu Volpato

*that purple-onion love
between the two of us
existing insistently
since the very first
beginning eternity*



*love, like a purple onion
presents its essences
: colors, flavors, textures
and it still remains union
- a non-seemed figured one*

COLABORAÇÃO DA ACADÊMICA VALDIZA MARIA CAPRANICO
Cadeira n° 4 – Patrono: Haldumont Nobre Ferraz

Recordações

Remexendo em papéis antigos numa velha caixa de papelão, encontrei um caderno já desbotado pelo tempo, com poesias de minha mãe, seus irmãos, algumas amigas...

E ela também colocava seus poemas nesse caderno – alguns muitos lindos, não sei se de sua autoria ou de poetisas da época ...

Mas, o que mais me chamou atenção foi ler que meu pai, já seu marido, também escrevia poemas a ela nesse caderno, de autoria de Olavo Bilac; esse que consegui ler apenas umas frases, tinha a data de 20/02/33 – e – já estavam casados desde junho de 1932... ainda havia romantismo no ar...

Com a chegada das filhas (tiveram quatro), os afazeres domésticos, as preocupações familiares, deixaram de escrever.

Mas, um poema que minha mãe escreveu, entre muitos outros, me chamou a atenção...

Foi, acredito, escrito quando ela e meu pai começaram a cruzar seus olhares na rua...

E, com o título sugestivo, “Indiferente” registro agora, em homenagem aos dois!

Eu amava loucamente

Ele, de amor por mim - nada sentia...

E quando a suspirar me via

Sorria, passando desdenhoso, indiferente.

Quantas vezes, meu deus, todo imponente
Com ar de quem se aborrecia...
Passava por mim, ligeiramente,
E nem adeus, ao menos me dizia...

Decorreu-me algum tempo sem eu vê-lo
Procurei, que até afinal pude esquecê-lo
E agora, que minha alma já não sente
Mais paixão, nem dores,
Ele vive a suspirar de amor
E eu, passo por ele indiferente!

Muito bem! Não sei se a mamãe copiou de algum poeta da época esse poema, mas, entre encontros e desencontros, poemas trocados, serenatas (meu pai tocava violino e, com seus amigos, saía fazer serenatas às suas amadas) finalmente casaram-se no dia 14 de junho de 1932 numa união que só terminou em 19 de outubro de 1976, quando papai partiu para eternidade...

E, dos poemas de Olavo Bilac que ele escrevia para ela, consegui ler apenas alguns trechos, muito apagados e com a seguinte dedicatória:

"Recordações de seu esposo 20/02/33 D.L.C"

O velho caderno se acabou, mas em meu coração guardo as lembranças dos dois.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO VITOR PIRES VENCovsky
Cadeira nº 30 – Patrono: Jorge Anéfalos

Histórias de um caipira

Quem nasce em Piracicaba é diferenciado. A forma de agir e viver, o vocabulário bem característico e o “erre” não negam a origem caipira daqueles que nascem e vivem em Piracicaba. É uma realidade que não está escrita nos documentos de identificação. Não há como esconder e nem controlar esse jeito diferente e particular de ser e de se relacionar. Mas o caipira só percebe que é caipira quando viaja ou mora em outros lugares, longe de sua origem. É mais ou menos isso que vou tratar neste texto. Como morei em Minas Gerais e Rio de Janeiro, tenho muitos casos para contar sobre esse assunto.

Quando muito jovem, me mudei com a família para Sete Lagoas, Minas Gerais, pois meu pai foi ocupar a posição de chefia no Centro Nacional de Pesquisas de Milho e Sorgo, que é umas das unidades de pesquisa da Embrapa. Não era a primeira vez que me mudava para outra cidade, mas nesse caso a situação era diferente. A mudança aconteceu em setembro, no meio do segundo semestre escolar.

É fácil imaginar as dificuldades enfrentadas quando um estudante na fase da adolescência entra na escola quando as aulas já se iniciaram. Para um caipira, isso pode ser mais complicado ainda. Ao ingressar na sala de aula na escola Regina Pacis, fui chamado à frente para me apresentar. A professora pediu que eu falasse meu nome e minha cidade. Respondi Vitor, Piracicaba. Logo em seguida, to-

dos os alunos caíram na gargalhada e ficaram assim por um bom tempo. Fiquei sem saber o que tinha acontecido ou que mal havia feito a todos logo no primeiro dia. Pensei em sair correndo ou me esconder atrás da mesa. Se a primeira impressão é a que fica, como diz o ditado, então eu comecei com o pé esquerdo.

Mas essa experiência vivida na terra do pão de queijo passou, muitas outras histórias da juventude foram construídas e o meu mundo seguiu o rumo como planejado por Ele. Só fui entender esse caso recentemente. Se fosse tentar reproduzir neste texto, minha apresentação na sala de aula deve ter saído mais ou menos assim: Vitorrrrrr, Pirraciaaaaaba. Não neguei minhas origens, e todos perceberam que meu sotaque caipira era muito, muito diferente. Minha convivência com os mineiros embaralhou meu sotaque, e “trem”, “uai” e tantas outras palavras do vocabulário de Minas Gerais passaram a fazer parte de minha vida.

Atualmente, meus colegas que estudaram comigo nos longínquos anos da década de 1980 dizem que eu era um aluno que entrava e saía mudo das aulas. Hoje sei o motivo desse meu comportamento.

Já na minha fase adulta, morando no Rio de Janeiro e preocupado com a família recém iniciada, e apesar de ter perdido um pouco do sotaque caipira, também passei por momentos interessantes. A preocupação com a segurança na década de 1990 era grande, e não aparecer na multidão era meu objetivo. Por isso, falar com as pessoas na rua o menos possível passou a ser importante. Cumprimentar os cariocas depois do almoço com o “boa tarrrrde” me parecia muito arriscado. O jeito era entrar e sair calado do ônibus. Com o sotaque caipiracicabano, me sentia um estrangeiro na Cidade Maravilhosa. E como tal, era visado pelos delinquentes de prontidão.

O tempo passou e, como um santo remédio, colocou ordem em muitos conflitos e dúvidas sobre a minha vida de caipira. Com o tempo, percebi que o "idioma" caipira tem suas vantagens. Falar inglês é muito mais fácil para os que dominam os "erres" bem arrastados. Alguns exemplos: *car, door, floor, clear* e *beer*. Não tem como errar na pronúncia. O caipira se torna internacional com muito mais facilidade.

Acabei entendendo, com o passar dos anos, que o sotaque caipiracicabano é meu passaporte para as relações pessoais e profissionais. Já é uma questão de grife, um comportamento *gourmet* que abre portas e aproxima as pessoas.

E é com alegria que, atualmente, os "erres" são pronunciados em alto e bom tom. Minha palavra favorita, que soa bem aos meus ouvidos, é Araraquara. Quantos erres numa mesma palavra. Sua pronúncia é ideal para testar o nível do ser caipira das pessoas. É, também, uma boa palavra para treinar o sotaque. E você, leitor, qual a sua palavra preferida?

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO WALDEMAR ROMANO
Cadeira nº 11 – Patrono: Benedicto de Andrade

Curiosidade e reconhecimento

Transcorria o ano de 1950, que os mais devotos denominavam como “Ano Santo”. Discordo e até hoje concordo, pois entendo que todos os anos são santos teoricamente mas na prática depende de nosso comportamento e de nossas atitudes; se praticarmos o evangelho no dia a dia, todos os anos serão santos.

Pois bem! Aquele garoto que dias antes completara dez anos de idade, colocando um pé à frente do outro, com a roupagem da época, ou seja calça curta azul com suspensório, camisa branca e boné do XV de Piracicaba, porém descalço, descia a Rua do Rosário, entre a Regente Feijó e Monsenhor Manoel Francisco Rosa; digo descia, de forma literal pois além do declive suave, caminhava contra a numeração dos imóveis, lado par.

Aproximando-se do final do trecho citado, percebeu que o Sr. Gumercindo de Lurdes Duarte, residente na mesma via pública e com oficina de pintura de veículos à Rua Manoel Francisco Rosa 523, estava enfrentando dificuldade com seu veículo Citroen estacionado no meio fio da face par da Rosário, defronte onde hoje se estabelece um Restaurante de comida típica nordestina.

O citado cidadão lutava para que o mesmo desse a partida, ou seja, que iniciasse seu funcionamento, com as duas faces abertas do “capô” do carro preto (todos os citroens, importados por inteiro da França, eram pretos); afirmei preto e informo que estes veículos tinham duas ca-

pas de coberturas do motor, abrindo-as lateralmente, discordando dos veículos americanos e os da atualidade, que abrem um só de frente.

Divaguemos um pouco. Naquela data histórica, Piracicaba contava com diversas revendedoras oficiais de carros, todos eles importados (ressalvemos que a Ford americana instalou na cidade de São Paulo, em 1919, um estabelecimento de montagem de seus veículos com todos os pertences e peças importados dos Estados Unidos e o mesmo fez a General Motors em 1926, também em São Paulo).

Em Piracicaba nossa lembrança nos permite informar

- 01) a Ford, de responsabilidade de Gerolamo Ometto, já estava instalada à Rua Benjamin Constant esquina de Floriano Peixoto;
- 02) a GMC, de responsabilidade de Luciano Guidotti, com endereço à Rua Governador Pedro de Toledo, esquina de São José onde hoje se estabelece uma loja de roupas infantis;
- 03) a Chevrolet, de propriedade dos irmãos Petrocelli, na esquina da Rua Governador Pedro de Toledo, com Prudente de Moraes, onde hoje temos uma loja de colchões;
- 04) a Chrisler, na Rua D. Pedro II, esquina de Benjamin Constant, entre esta via e Av. Armando de Salles Oliveira, de responsabilidade de Antônio Chiarantola Sobrinho;
- 05) a Mercedes, de Walter Hahn e família, à Rua Governador Pedro de Toledo, entre Riachuelo e Floriano Peixoto;

- 06) a Citroen, de Mario Stolf na Rua Rangel Pestana esquina de hoje Avenida Armando de Salles Oliveira, onde temos uma frutaria.
- 07) Studebaker, de Paulo Camargo, com endereço na Rua Moraes Barros em imóvel que até pouco tempo atrás abrigava a loja Mariclaudia e hoje está em processo de demolição.

Os Volkswagens estavam começando aparecer na cidade. Tínhamos como avulsos alguns carros americanos e europeus como: Packard, Morris Oxford e Minor, Skoda, Javelin, Fiat, Lincoln, Buick, Cadillac, Jeep etc.

Voltemos ao personagem principal de nosso texto:

Pois Gumerindo abria o "capô", mexia em cabos, voltava no volante, ligava o veículo, pretendia dar partida, e nada "nhem, nhem,nhem"; voltava ao motor, fazia algo acreditando no correto, ia ao volante, tentava o funcionamento e nada "nhem, nhem, nhem"; voltava ao motor, dava alguns toques e acreditava no positivo; voltava ao volante e ...nada. Eis que, já descrente no sucesso, em enésima tentativa, acelera o veículo"; que pelo escapamento, expeliu uma batata que se projetou a quase 10 metros de distância. É isto aí, qualquer veículo a combustão não funciona com escapamento entupido. Felizmente, ele sorriu....

Porém, com ar de advertência, olhou para o garoto parado na calçada, encostado na parede, com aspecto severo, mas nada disse. Seria para culpá-lo ou para dizer-lhe que garotos, com brincadeira inocente mas maldosa, haviam feito aquilo e que o mesmo não deveria ser repetido pelo menor que estava presente.

Este fato baseado em curiosidade e encerrado com educação e fino trato permanece vivo em minha lembrança.

Obs. Este texto foi elaborado para testemunhar e deixar para a posteridade a lembrança de um dos cidadãos mais educados que conheci.

Os que estiverem interessados em conhecer alguns dados a mais de Gumercindo Lurdes Duarte devem consultar o livro "Dicionários de Piracicabanos", de Samuel Pfromm Neto, página 206.

COLABORAÇÃO DO ACADÊMICO WALTER NAIME
Cadeira nº 37 – Patrono: Sebastião Ferraz

Onde já se viu?

Onde já se viu é uma frase que interroga aquilo que já foi visto com certo espanto.

Onde já se viu? Juros de 12% ao ano ou 24% ao ano já considerados exorbitantes mas os bancos e algumas instituições cobram até 318% ao ano.

Onde já se viu? Um relógio que atrasava tanto que alguém possuidor do mesmo, ao saber que um amigo tinha morrido, indo até ao velório ainda o encontrou vivo.

Onde já se viu? Ao jogar a água do banho de um menino a mãe jogou o menino junto.

Onde já se viu? Uma pessoa se sentir tão abandonado que um chinelo de saci perdeu a parada.

Onde já se viu? Querer ministrar educação sem usar métodos disciplinares.

Onde já se viu? Vender a prata da família para jantar fora.

Onde já se viu? Ser escravo das regras sociais, para se ter liberdade.

Onde já se viu? Ter que esperar os frutos doces da paciência sabendo que ela é amarga.

Onde já se viu? Na China primeiro se seleciona para eleger. Aqui no Brasil primeiro se elege para depois se arrepender.

Onde já se viu? A ignorância e a maldade presentearam um cego com um espelho.

Onde já se viu? Vender para quem não quer comprar só porque o comprador tinha crédito.

Onde já se viu? Presentear com um elefante alguém que não possui circo.

Onde já se viu? Pessoas que gostam de ser enganadas pagam um carnê mensal um ano inteiro sabendo que se não forem sorteadas nos programas de jogos no fim do ano poderão retirar o seu valor depositado durante o ano trocando por uma bacia de plástico com valor colocado pelo dono cassino.

Onde já se viu? Durante as eleições, alguém trocar o seu voto por um boné ou uma bola do campeonato da safadeza.

Onde já se viu? Aprovar alunos que não aprenderam os ensinamentos escolares só para se ver livre deles.

Onde já se viu? Gastar dinheiro demolindo coisas que não estavam atrapalhando só para dizer que alguma coisa foi feita e dizer que não havia recurso para fazer coisas melhores.

Onde já se viu? Um motociclista antes de um acidente, estando com muito frio inverteu o seu agasalho abotoando-o nas costas. Ao ser levado ao hospital, morreu quando tentaram colocar a sua cabeça no lugar.

Onde já se viu? Um caminhão estava parado corretamente a 6 metros da esquina, na lateral direita depois de contorná-la. Um outro caminhão ao efetuar a curva na referida esquina bateu no primeiro causando danos aos dois.

Os motoristas começaram a maior discussão da história perguntando quem pagaria. Em não havendo acordo, o motorista, dono do caminhão que estava parado e parecia inocente disse que pagaria. E assim aconteceu, porque ele era o dono dos dois caminhões.

Como podemos ver, "onde já se viu?" e ainda estamos vendo, é no Brasil onde acontece esse campeonato de absurdos, quando todos acabam perdendo.

O que é o que é?

O que é que cai de pé e corre deitada? A chuva.

O que é que tem orelha de porco e não é porco; tem rabo de porco e não é porco; tem pé de porco e não é porco? A feijoada.

O que é que se cobrir vira circo. E se fechar vira uma arena? A reunião de políticos.

O que é que se ficar o bicho come? Se correr o bicho pega? O governo.

O que é que fica que nem trapo na boca de vaca; se puxar rasga; se deixar a vaca engole? É ter paciência para se aprovar alguma coisa democraticamente.

Quando é possível fazer um enterro com um mata-borrão? Quando o paraquedas não abre.

Quando a vida é dura para quem é mole? Quando há falta de coragem.

Quando é que a gente volta sem ter ido? Quando não se tem vontade.

Quem é que não joga quando tem muito e joga fora quando tem pouco? O rico não joga por ter muito por precaução e o pobre joga por ter pouco arriscando a sorte.

Quando é possível sair na chuva e não se molhar? Quando alguém for tão magro que possa transitar entre as gotas e não estiver ventando.

Como é que é possível viajar sem sair do lugar? Quando você estiver sonhando que viajou.

Quando é possível um pintor pintar o inferno sem sentir medo? Fazendo só o rascunho.

Quando a pimenta não arde? Quando estiver no olho do outro.

O que é que quanto mais se enfeita mais aparece? A feiura.

Quando é que é possível permanecer dormindo? É só sonhar que estava acordado e quando acordar estar dormindo.

Quando um pássaro perde o direito de dar um pio? Quando estiver atrás de uma vaca e ela fizer cocô sobre ele. Quem está na "m", não tem direito a um pio.

Quando os direitos humanos são colocados em cheque mate? Quando o direito dos animais são reconhecidos.

O que é mais verdadeiro do que o fake news? A rapidez: quando a notícia falsa é instantânea atingindo muitos, não dá tempo da verdade aparecer e ser desmentida antes da sua procura.

Como é possível você saber o final de um livro sem ler a última página? É só saber ler em árabe que está escrito na primeira folha, pois a escrita é feita de trás para frente.

Quando você poderá achar que Lula é inocente? Quando ele diz que não viu nada, não estava lá, não sabe de nada, mas era o presidente da República.

Em que é que você vai acreditar quando o atual presidente por o Brasil nos trilhos? Somente quando o Brasil voltar a ter os trilhos no lugar, para que seu povo saiba para onde ir.

O que é que os sofredores poderão sentir ao acreditar em insultos e desconfiar de elogios? Sentirão que não vão ter a paz desejada, porque o que é nunca deixará de ser.

APL EM AÇÃO – NOTICIÁRIO

Março

A acadêmica **Carmen Pilotto** foi selecionada para a exposição "Batom, Lápis e Humor" em comemoração ao Dia Internacional da Mulher

Maio

As acadêmicas **Carmen Pilotto** e **Ivana Negri** tiveram seus trabalhos selecionados para a exposição "Arte em Composta" na Casa do Povoador.

Junho

A acadêmica **Ivana Negri** ganhou menção honrosa na categoria Poesia no Prêmio Nacional de Literatura dos Clubes 2019 – 4ª edição: concorrendo pelo Clube de Campo de Piracicaba. Participaram 55 clubes de 24 cidades com 69 poesias, 61 crônicas e 90 contos.



Dia 25 - Faleceu no dia 25 de Junho, **Antonio Carlos Neder**, aos 85 anos, que integrou a Cadeira nº 15 - Patrono Archimedes Dutra da Academia Piracicabana de Letras. Foi cirurgião-dentista, farmacologista, professor universitário, Reitor e Vice-Reitor da Faculdade de Odontologia

Julho

Em evento junino foi lançada a 17ª edição da Revista da Academia Piracicabana de Letras na sede do Instituto Beatriz Oliveira Algodal.

A acadêmica **Elisabete Bortolin** participou da FLISP - Feira

Literária Internacional de São Paulo que aconteceu pela primeira vez no Teatro Ruth Escobar, na capital paulista. Autografou a coletânea junto com outras autoras de Piracicaba.



Faleceu o acadêmico **Geraldo Victorino de França**, da cadeira 27 que teve como patrono Salvador de Toledo Pisa. Voinho, como era conhecido pelos familiares e amigos próximos, faleceu aos 93 anos dia 23 de julho de 2019. Era professor aposentado da ESALQ (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz) e escreveu 5 livros da coleção *Aprendendo com o Voinho*, várias publicações na Enciclopédia Agrícola Brasileira, verbetes variados e participação em coletâneas.

Agosto

Com as crianças do CASE, nos Bosques do Lenheiro, a acadêmica **Ivana Maria França de Negri** lançou o livrinho *Lenda da Inhala Seca*, patrocinado pelo IHGP. Contou com as presenças dos também acadêmicos e membros do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, Valdiza Capranico e Alexandre Neder.

A acadêmica **Valdiza Maria Capranico** e também presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, organizou a sessão magna do IHGP nas dependências do teatro do Engenho dia 13 de agosto, em comemoração aos 52 anos do Instituto.

As acadêmicas **Carmen Pilotto, Leda Coletti, Ivana Negri, Lourdinha Sodero Martins, Elisabete Bortolin** e a escritora Madalena Tricanico, relançaram o livro “A Beleza do Envelhecimento”, no Recanto dos Livros, com renda em prol do Lar dos Velhinhos de Piracicaba, dia 17 de agosto de 2019.

No 3º Encontro Caipiracicabanos no SESC, em comemoração ao aniversário da cidade, aconteceu uma roda de conversas e os acadêmicos **Edson Rontani Junior e Valdiza Maria Capranico** participaram junto a outros convidados.

O acadêmico **Edson Rontani Junior** é o novo presidente da AHA (Associação dos Amigos do Salão de Humor de Piracicaba) com mandato até junho de 2020

Setembro

A acadêmica **Carmelina de Toledo Piza** realizou um piquenique literário dia 01 de Setembro onde teve contação de histórias e muitas outras atividades no “Espaço Arte Carmelina”.

Carmelina também organizou uma exposição na Associação Paulista de Medicina no dia 14 de setembro intitulada Oráculo das Palavras – Riscos e rabiscos.

Dia 28 - Membros da Academia Piracicabana de Letras juntamente com os grupos literários CLIP e GOLP organizaram Sarau Literário da Primavera no Instituto Beatriz Algodoal, para homenagear os 30 anos do Jornal Literário

Linguagem Viva. A diretora do LV veio de São Paulo especialmente para a homenagem.



Os acadêmicos **André Bueno Oliveira**, **Carmen Pilotto** e **Carmelina Toledo Piza** participaram como jurados no concurso de Microcontos de Humor de Piracicaba.

Acadêmicos **André Bueno Oliveira**, **Carmen Pilotto** e **Carla Ceres** foram jurados do 10º Concurso do Prêmio Escriba de Contos 2019.

O acadêmico **Newman Ribeiro Simões** foi premiado como o melhor de Piracicaba no 10º Escriba de Contos 2019, com o conto *Arlequinada*.

O acadêmico **Armando Alexandre dos Santos** recebeu a Medalha de Mérito Cultural na área de Literatura 2019 da SEMACTUR.

Outubro

No dia 5 foi realizada Assembleia Geral, nas dependências do Instituto Beatriz Algodal, para aprovação dos novos estatutos da Academia Piracicabana de Letras.



A Academia Piracicabana de Letras recebeu o presidente da Academia Paulista de Letras, o professor e desembargador aposentado, ex presidente do Tribunal de Justiça do Estado, José Renato Nalini, que foi recepcionado pelos grupos literários, Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba, prefeito, autoridades e amigos. Houve troca de livros e em seguida, almoço de confraternização.

DIRETORIA DA ACADEMIA PIRACICABANA DE LETRAS

TRIÊNIO: MAIO DE 2018 A ABRIL DE 2021

Presidente – Vitor Pires Vencovsky

Vice-Presidente – Cassio Camilo Almeida de Negri

Primeira Secretária – Ivana Maria França de Negri

Segunda Secretária – Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto

Primeiro Tesoureiro – Edson Rontani Junior

Segundo Tesoureiro – Waldemar Romano

Bibliotecária – Aracy Duarte Ferrari

Conselho Fiscal – Andre Bueno Oliveira

Alexandre Neder

Walter Naime

Editor e Jornalista Responsável – João Umberto Nassif

GALERIA ACADÊMICA**Alexandre Sarkis Neder** – Cadeira nº 13 – Patrono: Dario Brasil**André Bueno Oliveira** – Cadeira nº 14 – Patrona: Branca Motta de Toledo Sachs**Antonio Carlos Fusatto** – Cadeira nº 6 – Patrono: Nélio Ferraz de Arruda**Antonio Carlos Neder** – Cadeira nº 15 – Patrono: Archimedes Dutra (*in memoriam*)**Aracy Duarte Ferrari** – Cadeira nº 16 – Patrono: José Mathias Bragion**Armando Alexandre dos Santos** – Cadeira nº 10 – Patrono: Brasília Machado**Barjas Negri** – Cadeira nº 5 – Patrono: Leandro Guerrini

- Carla Ceres Oliveira Capeleti** – Cadeira n° 17 – Patrona: Virgínia Prata Grigolin
- Carmen Maria da Silva Fernandez Pilotto** – Cadeira n° 19 – Patrono: Ubirajara Malagueta Lara
- Carmelina de Toledo Piza** – Cadeira n° 29 – Patrono: Laudelina Cotrim de Castro
- Cássio Camilo Almeida de Negri** – Cadeira n° 20 – Patrono: Benedito Evangelista da Costa
- Edson Rontani Júnior** – Cadeira n° 18 – Patrona: Madalena Salatti de Almeida
- Elda Nympha Cobra Silveira** – Cadeira n° 21 – Patrono: José Ferraz de Almeida Junior
- Elisabete Jurema Bortolin** – Cadeira n° 7 – Patrono: Helly de Campos Melges
- Esio Antonio Pezzato** – Cadeira n° 31 – Patrono: Victorio Ângelo Cobra
- Evaldo Vicente** – Cadeira n° 23 – Patrono: Leo Vaz
- Geraldo Victorino de França** – Cadeira n° 27 – Patrono: Salvador de Toledo Pisa Junior (*in memoriam*)
- Gregorio Marchiori Netto** – Cadeira n° 28 – Patrono: Delfim Ferreira da Rocha Neto
- Ivana Maria França de Negri** – Cadeira n° 33 – Patrono: Fernando Ferraz de Arruda
- Jamil Nassif Abib (Mons.)** – Cadeira n° 1 – Patrono: João Chiarini
- João Baptista de Souza Negreiros Athayde** – Cadeira n° 34 – Patrono: Adriano Nogueira
- João Umberto Nassif** – Cadeira n° 35 – Patrono: Prudente José de Moraes Barros
- Leda Coletti** – Cadeira n° 36 – Patrona: Olívia Bianco

- Luciano Martins Verdade** – Cadeira nº 12 - Patrono: Ricardo Ferraz de Arruda Pinto
- Maria de Lourdes Piedade Sodero Martins** – Cadeira nº 26
– Patrono: Nelson Camponês do Brasil
- Maria Helena Vieira Aguiar Corazza** – Cadeira nº 3 – Patrono: Luiz de Queiroz
- Marisa Amábile Fillet Bueloni** – Cadeira nº 32 – Patrono: Thales Castanho de Andrade
- Marly Therezinha Germano Perecin** – Cadeira nº 2 – Patrono: Jaçanã Althair Pereira Guerrini
- Mônica Aguiar Corazza Stefani** – Cadeira nº 9 – Patrono: José Maria de Carvalho Ferreira
- Myria Machado Botelho** – Cadeira nº 24 – Patrona: Maria Cecília Machado Bonachela
- Newman Ribeiro Simões** – Cadeira nº 38 – Patrono: Elias de Melo Ayres
- Olívio Nazareno Alleoni** – Cadeira nº 25 – Patrono: Francisco Lagreca
- Paulo Celso Bassetti** – Cadeira nº 39 – Patrono: José Luiz Guidotti
- Raquel Araujo Delvaje** – Cadeira nº 40 – Patrono: Estevam Ribeiro de Souza Rezende
- Sílvia Regina de Oliveira** – Cadeira nº 22 – Patrono: Erotides de Campos
- Valdiza Maria Caprânico** – Cadeira nº 4 – Patrono: Haldumont Nobre Ferraz
- Vitor Pires Vencovsky** – Cadeira nº 30 – Patrono: Jorge Anéfalos
- Waldemar Romano** – Cadeira nº 11 – Patrono: Benedicto de Andrade
- Walter Naime** – Cadeira nº 37 – Patrono: Sebastião Ferraz





ISSN 2177-2797



9 772177 279006